

Banco do Nordeste do Brasil

**EFEITOS GLOBAIS DO PRODETUR/NE I**  
**- Enfoque Turístico -**

Consultor: João Agostinho Teles

Outubro de 2005  
Fortaleza – Ceará – Brasil

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>03</b>
<b>1. Aumento do fluxo turístico .....</b>	<b>05</b>
1.1. Evolução do fluxo turístico para as capitais e estados .....	06
1.2. Viagens e Movimento nos aeroportos .....	10
1.3. Sazonalidade no fluxo turístico.....	14
1.4. Mudança no perfil da demanda .....	15
1.5. Mercados emissores .....	17
1.6. O Nordeste no contexto turístico nacional.....	19
<b>2. Receita turística e impacto no PIB .....</b>	<b>22</b>
2.1. Aspectos metodológico e mensuração.....	22
2.2. Evolução da receita turística e impactos no PIB.....	23
2.3. Geração de divisas e exportações.....	24
<b>3. Aumento das atividades turísticas.....</b>	<b>25</b>
3.1. Produtos e atividades turísticas.....	25
3.2. Aumento das atividades características do turismo .....	26
3.3. Considerações sobre as atividades de alojamento e alimentação .....	27
3.4. Desempenho da rede hoteleira .....	28
<b>4. Aumento nas atividades turísticas.....</b>	<b>32</b>
4.1. Empregos nas atividades características.....	32
4.2. Empregabilidade .....	33
<b>5. Aumento do PIB percapita e relação benefício/custo .....</b>	<b>34</b>
5.1. Contribuição regional na formação do PIB e variações renda percapita ...	34
5.2. Relação benefício/custo aparente .....	35
<b>6. Efeitos futuros e impactos.....</b>	<b>37</b>
6.1. Modelagem .....	37
6.2. Previsões .....	39
6.3. Desafios e Expectativas.....	40
<b>7. Considerações finais.....</b>	<b>41</b>
<b>Bibliografia consultada .....</b>	<b>42</b>
<b>Siglas .....</b>	<b>42</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>43</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

O presente documento objetiva avaliar os efeitos globais do PRODETUR/NE I concernentes aos agregados turísticos básicos e seus impactos na economia do Nordeste do Brasil, através da análise do comportamento do fluxo turístico e demais indicadores turísticos disponíveis para a região, tais como: movimentação de passageiros nos aeroportos, receita turística, geração de empregos e impactos do turismo na economia Nordestina.

A análise, no geral, abrange o período 1996/2004, face às disponibilidades das informações existentes, derivadas das seguintes fontes: Comissão de Turismo Integrada do Nordeste (CTI/NE), órgãos oficiais de turismo dos estados do Nordeste, Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), órgãos oficiais de estatística dos estados, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e Banco do Nordeste do Brasil. Além das informações disponibilizadas pelas citadas fontes, foram utilizadas informações contidas em publicações específicas, tais como: os Planos de Desenvolvimento Integrados de Turismo Sustentável do Programa de Desenvolvimento do Nordeste (PDITS/PRODETUR) e os sites dos órgãos oficiais de turismo dos estados da região.

É importante ressaltar que as estatísticas sobre o turismo no Brasil e no Nordeste, em particular, ainda são escassas. No caso específico do Nordeste, embora os órgãos oficiais de turismo dos estados adotem a mesma metodologia para mensuração dos indicadores turísticos básicos, através de pesquisas de demanda e de oferta, as informações disponibilizadas são carregadas de inconsistências pelo uso da base de cálculo dos agregados turísticos diferenciados entre os estados. Por exemplo, a mensuração dos fluxos turísticos é efetuada a partir do monitoramento da rede hoteleira das capitais, alguns estados, como o Rio Grande do Norte, adotam como base de cálculo a rede hoteleira da grande Natal, tendendo, no caso, superestimar o fluxo (veja Apêndice).

Assim sendo, no caso das informações, urge que seja precedida quando possível, de uma análise crítica de qualificação e de consistência. Ademais, outra dificuldade enfrentada consiste em adequar os processos de mensuração aos conceitos e definições adotados pela Organização Mundial do Turismo (OMT), que sofreram significativas mutações e adaptações, a partir de meados da última década do século passado, com o surgimento da conta satélite do turismo, o que exigiu uma aproximação conceitual das atividades turísticas ao

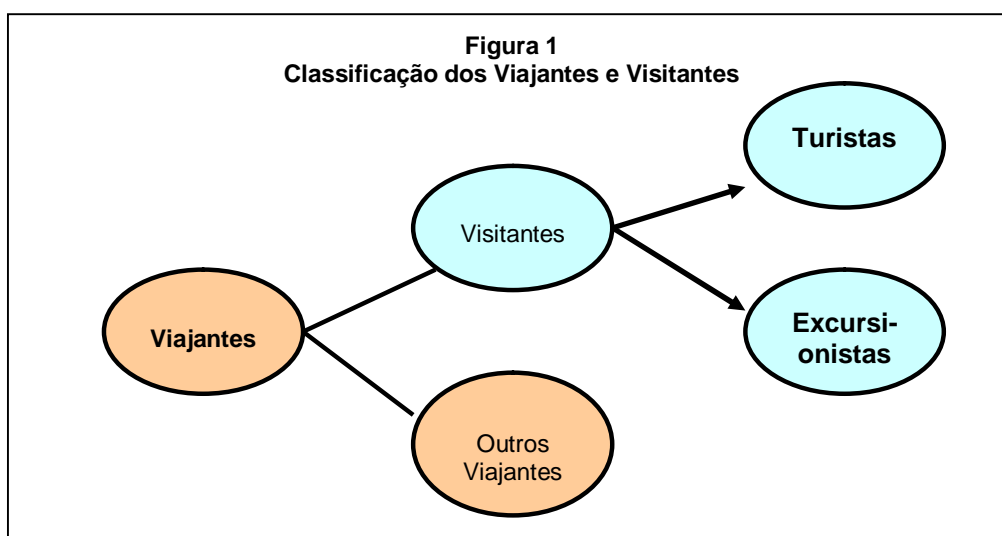
sistema de contas nacionais adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A propósito, procurou-se, na medida do possível, adotar os conceitos e recomendações contidas no documento referencial a respeito divulgado pela OMT (1999), denominado Conta Satélite do Turismo (CST): Quadro Conceptual.

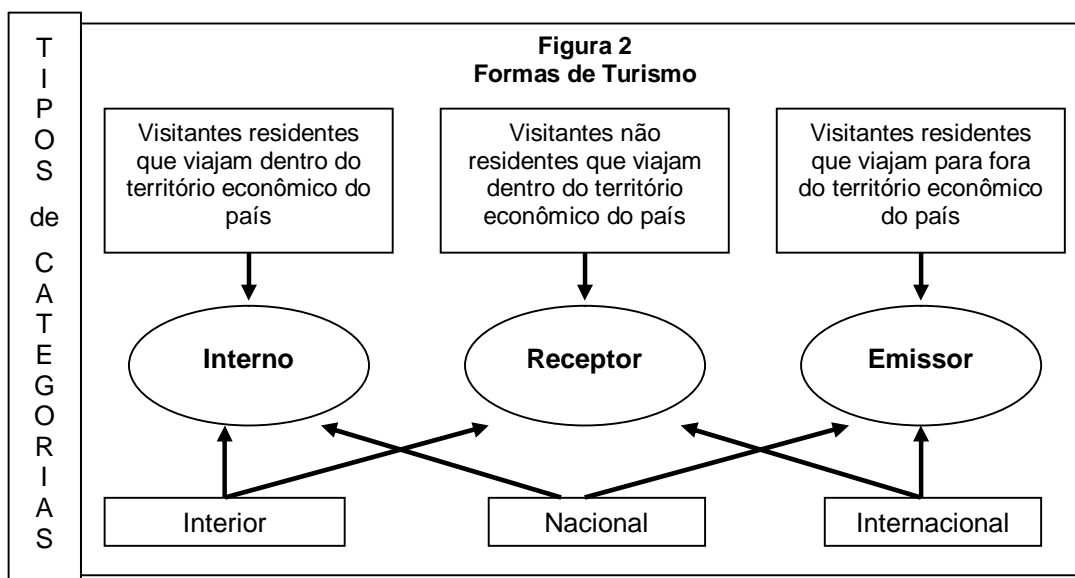
De um modo geral, o assunto aqui tratado é desenvolvido na lógica do seguinte roteiro: inicialmente são analisados o comportamento e evolução do fluxo turístico e de sua associação com o fluxo de embarques de passageiros nas capitais do Nordeste, principais destinos turísticos. Em seguida, são analisadas as receitas turísticas e os impactos na economia em termos de geração de renda e emprego. Por último, são consideradas a relação benefício/custo, as projeções dos agregados turísticos e as considerações finais. Finalmente, vale ressaltar que adotou-se no processo de análise, como regra geral, o método estrático-comparativo, considerando os extremos do período 1996/2004.

# 1. AUMENTO DO FLUXO TURÍSTICO

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo compreende as atividades relacionadas ao atendimento às necessidades das pessoas (visitantes) durante suas viagens para lugares distintos do entorno habitual de suas residências, em que a permanência seja inferior a um ano, cuja motivação principal não seja o exercício de uma atividade remunerada no local visitado. Os visitantes são classificados em excursionistas (que não pernoitam) e turistas (que pernoitam), conforme Figura 1:



Segundo, ainda, a OMT, associados aos conceitos e locais de residência dos visitantes, são definidas as formas de turismo especificadas na Figura a seguir:



Assim sendo, definem-se as seguintes formas de turismo:

- a) Turismo receptivo - é o turismo dos visitantes não residentes, realizado no território econômico de um determinado país.
- b) Turismo interno - é o turismo dos visitantes residentes, realizado no território econômico de determinado país.
- c) Turismo emissivo - é o turismo dos visitantes residentes, realizado fora do território econômico de determinado país.
- d) Turismo interior - é o turismo dos visitantes, realizado tanto por residentes como não residentes, no território econômico de determinado país.
- e) Turismo nacional - é o turismo dos visitantes residentes, realizado dentro e fora do território econômico de determinado país.
- f) Turismo internacional - é o turismo de visitantes residentes realizado fora e de não residentes realizado dentro do território de determinado país.

Na análise desenvolvida no presente documento, a menos que seja oportunamente explicitado, não serão considerados as relações pertinentes ao turismo emissor e parcela do turismo interno ou doméstico (turismo intraestadual).

### 1.1. Evolução do fluxo para as capitais e estados

O fluxo turístico para as capitais e estados do Nordeste mais do que dobrou no período 1996/2004. O fluxo no conjunto das capitais passou de 5.037 mil turistas em 1996 para 10.596 mil turistas em 2004, registrando um crescimento médio anual de 10,0%.

**Quadro 1**  
**Evolução do Fluxo Turístico no Nordeste - 1996/2004**

Anos	Capitais (FC)			Estado (FE)			Relação (%) FE/FC
	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	
1996	5.037	100,0	-	7.850	100,0	-	1,6
1997	5.720	113,6	13,6	8.906	113,5	13,5	1,6
1998	7.130	141,6	24,7	11.474	146,2	28,8	1,6
1999	7.487	148,6	5,0	12.403	158,0	8,1	1,7
2000	8.126	161,3	8,5	13.466	171,5	8,6	1,7
2001	9.133	181,3	12,4	15.689	199,9	16,5	1,7
2002	9.423	187,1	3,2	16.095	205,0	2,6	1,7
2003	9.555	189,7	1,4	16.263	207,2	1,0	1,7
2004	10.596	210,4	10,9	17.778	226,5	9,3	1,7

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS.

Já o fluxo turístico receptivo aos estados, saltou de 7.850 mil turistas em 1996 para 17.778 mil turistas em 2004, revelando uma taxa média anual de crescimento de 11,1%. As maiores taxas de crescimento, tanto para as capitais quanto para os estados ocorreram nos anos de 1997,1998, 2001 e 2004, sendo a taxa média anual para o período 1996/2001 superior a taxa média verificada no período 2002/2004. As taxas médias naqueles períodos para as capitais foram de 12,8% e de 5,2% e de 15,1% e de 4,3% para os estados, respectivamente.

**Quadro 2**  
**Taxas Médias de Crescimento do Fluxo Turístico por Período**

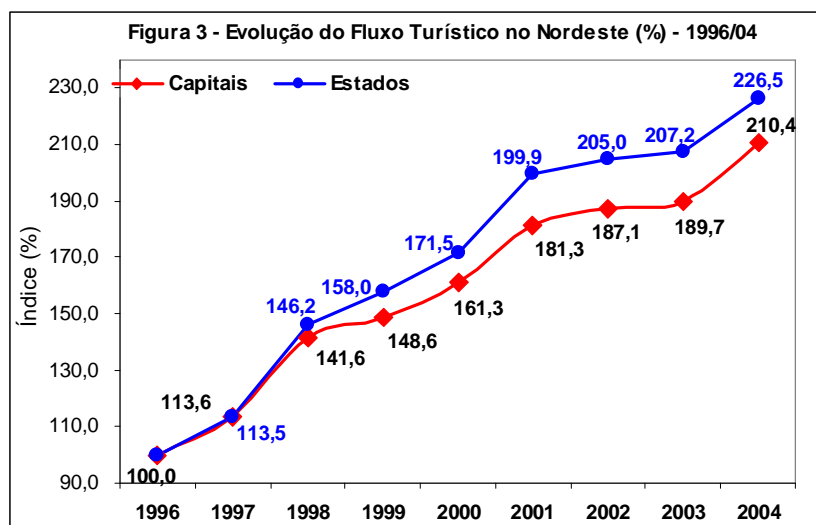
<b>Períodos</b>	<b>Capitais (%)</b>	<b>Estados (%)</b>
1996/2001	12,8	15,1
2002/2004	5,0	4,3
1996/2004	10,0	11,1

Fonte: GTP/CTI-NE , Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste ePDITS.

O período de maior crescimento (1996/2001) coincide com os investimentos do PRODETUR-NE I em infraestrutura turística de transporte, notadamente nos aeroportos das capitais. Segundo o Banco do Nordeste do Brasil, com base nos relatórios e diagnósticos constantes nos PDITS dos estados, os aeroportos mais beneficiados pelo PRODETUR-NE I foram os seguintes:

- a) Aeroporto Luis Eduardo Magalhães (BA), cuja capacidade instalada passou de 2,0 milhões para 6,0 milhões de pax/ano, em 2002;
- b) Aeroporto Pinto Martins (CE), cuja capacidade instalada passou de 0,95 milhões para 2,5 milhões de pax/ano, em 1998; e
- c) Aeroporto Augusto Severo (RN), cuja capacidade instalada passou de 0,5 milhões para 1,2 milhão de pax/ano, em 1998.

O período de menor crescimento, principalmente no biênio 2002/03, coincide com a crise mundial decorrente de 11 de setembro de 2001 face à conjuntura adversa vivenciada pela economia brasileira no período, com baixas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto.



A Figura 3 explicita o comportamento do fluxo turístico das capitais e dos estados do Nordeste, onde se observa um melhor desempenho para o agregado no âmbito dos estados, provavelmente devido, em parte, aos investimentos do PRODETUR-NE I em infraestrutura rodoviária estruturante, o que possibilitou o crescimento e o surgimento de novos destinos turísticos, tais como: Porto Seguro na Bahia, Porto de Galinhas em Pernambuco, Praia da Pipa no Rio Grande do Norte e Jericoacoara e Mundaú no Ceará.

**Quadro 3**  
**Evolução do Fluxo Turístico nas Capitais e Estados do Nordeste: 1996-2004**

Capitais	1996 (1000 Turistas)				2004 (1000 Turistas)				Var1994/04(%)	
	Capitais	(%)	Estado	(%)	Capitais	(%)	Estado	(%)	Capital	Estado
. Aracaju (SE)	185	3,7	320	4,1	452	4,3	783	4,4	144,3	144,7
. Fortaleza (CE)	773	15,3	989	12,6	1.784	16,8	2.806	15,8	130,8	183,7
. João Pessoa (PB)	400	7,9	560	7,1	668	6,3	949	5,3	67,0	69,5
. Maceió (AL)	275	5,5	495	6,3	952	9,0	1.428	8,0	246,2	188,5
. Natal (RN)	471	9,4	563	7,2	1.202	11,3	1.783	10,0	155,2	216,7
. Recife (PE)	864	17,2	1.330	16,9	2.009	19,0	3.352	18,9	132,5	152,0
. São Luís (MA)	355	7,0	605	7,7	844	8,0	1.013	5,7	137,7	67,4
. Salvador (BA)	1.633	32,4	2.880	36,7	2.412	22,8	5.180	29,1	47,7	79,9
. Teresina (PI)	81	1,6	108	1,4	272	2,6	484	2,7	235,8	348,1
<b>Nordeste</b>	<b>5.037</b>	<b>100,0</b>	<b>7.850</b>	<b>100,0</b>	<b>10.595</b>	<b>100,0</b>	<b>17.778</b>	<b>100,0</b>	<b>110,3</b>	<b>126,5</b>

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS.

O Quadro 3 contém o fluxo turístico para cada capital e respectivo estado do Nordeste, em 1996 e 2004, onde se destacam as capitais e os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará como os principais destinos turísticos na formação do fluxo turístico para a região. Deve ser, ainda, destacado o acentuado crescimento do fluxo turístico nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Alagoas. Vale ressaltar que, com exceção do Piauí, os estados acima destacados receberam cerca de 77,0% dos recursos do PRODETUR/NE I.

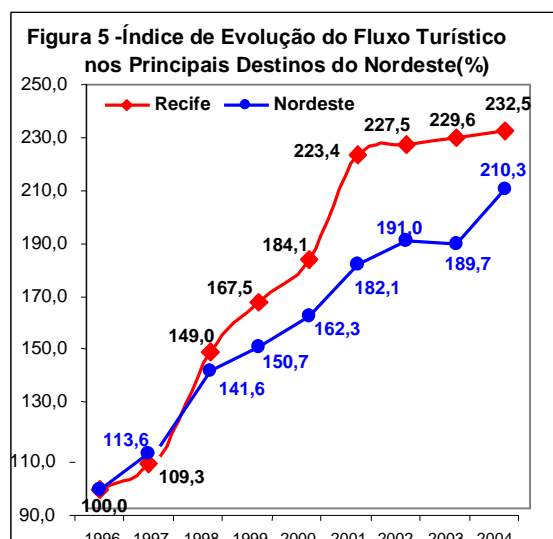
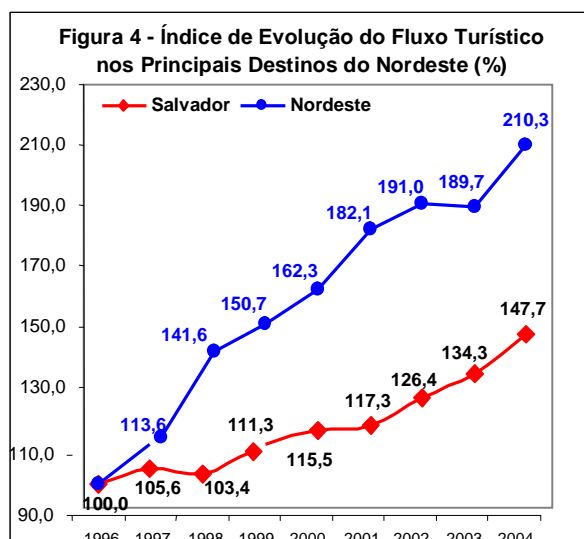
**Quadro 4**  
**PRODTUR/NE I – Valores Aplicados por Estado (US\$ milhões)**

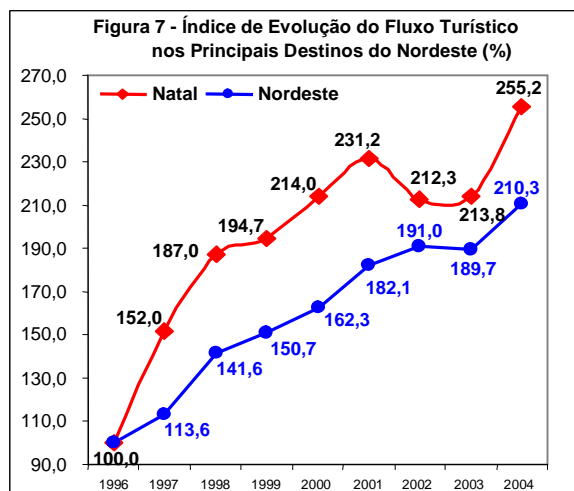
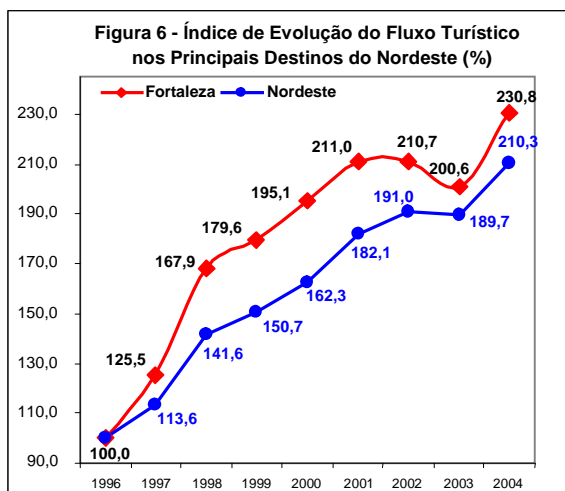
Estado	Bid	(%)	Local	(%)	Total	(%)
. Alagoas	5,354	1,3	1,664	0,7	7,017	1,1
. Bahia	139,506	35,2	75,505	32,9	215,011	34,3
. Ceará	88,339	22,3	53,428	23,3	141,767	22,6
. Maranhão	26,599	6,7	14,345	6,3	40,943	6,5
. Maceió	22,258	5,6	14,092	6,1	36,3499	5,8
. Paraíba	19,997	5,0	12,786	5,6	32,782	5,2
. Pernambuco	30,763	7,8	11,212	4,9	41,975	6,7
. Piauí	8,849	2,2	12,274	5,4	21,123	3,4
. Rio Grande Norte	22,333	5,6	15,907	6,9	38,240	6,1
. Sergipe	32,604	8,2	18,153	7,9	50,757	8,1
<b>TOTAL</b>	<b>396,601</b>	<b>100,0</b>	<b>229,365</b>	<b>100,0</b>	<b>625,966</b>	<b>100,0</b>

Fonte: BNB (Banco do Nordeste do Brasil)

Obs: Envolvem somente recursos aplicados nos componentes de melhoramento de aeroportos, desenvolvimento institucional e obras-múltiplas. Não estão computados recursos utilizados em administração, supervisão e custos financeiros.

A elevada taxa de crescimento do fluxo turístico de Teresina (PI) deve-se à reduzida base turística (fluxo de 1996) e a prováveis ganhos de fluxos com a ocorrência de *externalidades* dos investimentos do PRODETUR aplicados no Ceará, principalmente no âmbito do Estado, conseqüentemente na geração de fluxo derivado para o Delta do Parnaíba principalmente. As figuras a seguir ressaltam a evolução dos fluxos turísticos nos principais destinos turísticos do Nordeste. Note-se que a performance do fluxo turístico para as capitais do Nordeste foi superior ao observado para a capital Salvador (BA), em que se optou por uma estratégia de alocação de recursos do PRODETUR baseada na criação de novos pólos turísticos no interior do estado, em vez de concentrá-los numa região contínua como ocorreu no Ceará.





## 1.2. Viagens e Movimentos nos Aeroportos

Considerando que o turismo é um fenômeno associado ao deslocamento temporário das pessoas, de seu entorno habitual para outra localidade, e que os estados do Nordeste, cujos destinos turísticos estão distantes dos principais mercados emissores turísticos nacionais e internacionais, as viagens aéreas, particularmente, os desembarques de passageiros nos aeroportos nas capitais (principais destinos turísticos), podem ser consideradas como *proxis* na análise do aumento do fluxo turístico na região.

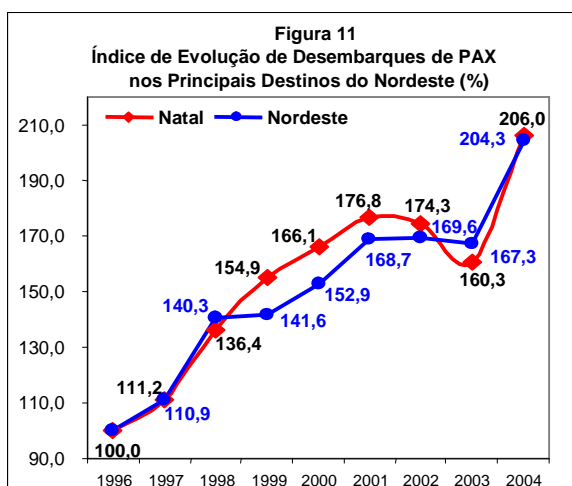
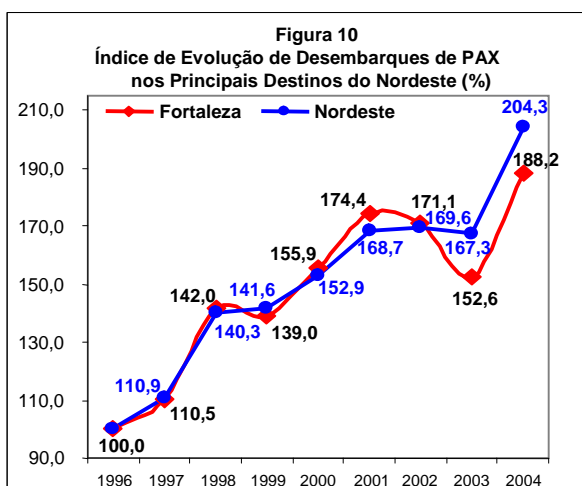
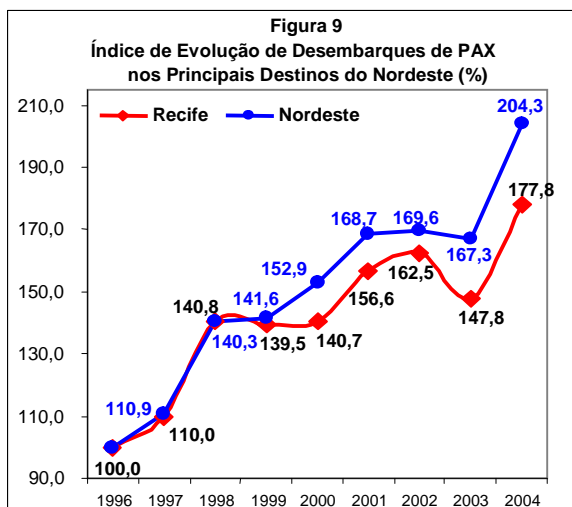
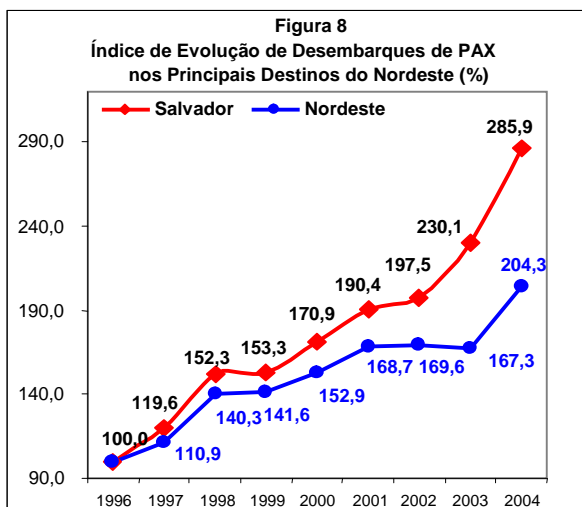
O Quadro 5 mostra os fluxos de desembarques de passageiros nos aeroportos das capitais do Nordeste. As capitais que apresentaram maiores taxas de crescimento, no período 1996/2004, foram Salvador (BA), São Luis (MA), Natal (RN), Fortaleza (CE) e Recife (PE), onde ocorreram os principais investimentos do PRODETUR/NE I em aeroportos, cujos estados absorveram cerca de 76,4% dos recursos alocados pelo Programa. O fluxo de desembarques de passageiros nas capitais do Nordeste passou de 2,9 milhões em 1996 para 6,0 milhões de passageiros em 2004, representando um aumento de 104,3% correspondendo a uma taxa média anual de 9,3%, semelhante às taxas mensuradas para os fluxos turísticos das capitais e estados do Nordeste. Conforme foi visto anteriormente, a taxa média anual de crescimento do fluxo turístico para as capitais foi calculada em 10,0% e em 11,1% para os estados.

**Quadro 5**  
**Desembarques nos Aeroportos das Capitais do Nordeste – 1996/04**

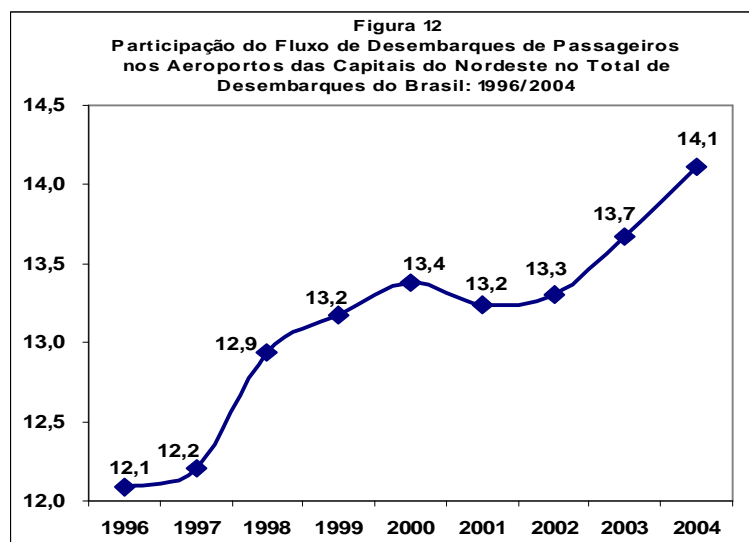
Capitais	Desembarques (Pax)									Var1996/04 (%)	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Período	Anual
Salvador	681.894	815.680	1.038.324	1.045.332	1.165.613	1.298.240	1.346.784	1.569.264	1.949.221	185,9	14,0
Recife	805.905	886.365	1.134.416	1.124.294	1.133.598	1.261.783	1.309.789	1.190.826	1.433.045	77,8	7,5
<b>Fortaleza</b>	<b>594.553</b>	<b>656.897</b>	<b>844.478</b>	<b>826.227</b>	<b>927.097</b>	<b>1.036.968</b>	<b>1.017.146</b>	<b>907.513</b>	<b>1.119.109</b>	<b>88,2</b>	<b>8,2</b>
Natal	269.238	299.330	367.139	417.172	447.311	475.924	469.322	431.691	554.634	106,0	9,5
Maceió	208.845	201.245	253.233	287.160	307.020	307.073	280.884	265.860	323.117	54,7	5,6
São Luis	107.481	108.813	139.334	129.039	129.857	151.377	144.785	193.885	254.943	137,2	11,4
Aracaju	111.720	120.454	146.273	136.031	149.449	169.972	174.167	150.392	155.925	39,6	4,3
J.Pessoa	81.692	82.325	93.906	96.472	126.502	139.496	128.909	121.042	114.396	40,0	4,3
Teresina	88.278	100.062	121.911	113.523	123.036	135.647	130.928	104.985	121.043	37,1	4,0
<b>Capitais</b>	<b>2.949.606</b>	<b>3.271.171</b>	<b>4.139.014</b>	<b>4.175.250</b>	<b>4.509.483</b>	<b>4.976.480</b>	<b>5.002.714</b>	<b>4.935.458</b>	<b>6.025.433</b>	<b>104,3</b>	<b>9,3</b>
<b>Brasil (milhões)</b>	<b>24,4</b>	<b>26,8</b>	<b>32,0</b>	<b>31,7</b>	<b>33,7</b>	<b>37,6</b>	<b>37,6</b>	<b>36,1</b>	<b>42,7</b>	<b>75,0</b>	<b>7,2</b>
<b>Capitais/Brasil(%)</b>	<b>12,1</b>	<b>12,2</b>	<b>12,9</b>	<b>13,2</b>	<b>13,4</b>	<b>13,2</b>	<b>13,3</b>	<b>13,7</b>	<b>14,1</b>	<b>16,7</b>	<b>2,0</b>

Fonte: INFRAERO

As figuras a seguir mostram os índices de evolução dos desembarques de passageiros nos principais destinos turísticos da região (capitais) e o registrado para o total das capitais do Nordeste, destacando-se a performance revelada para Salvador.



Ressalta-se, ainda, que a participação do movimento total de passageiros (desembarques) nas capitais do Nordeste no total de desembarques nos aeroportos do Brasil, que são administrados pela INFRAERO, saltou de 12,1% em 1996 para 14,1% em 2004, apresentando uma taxa média anual de crescimento de 7,2% para o período.



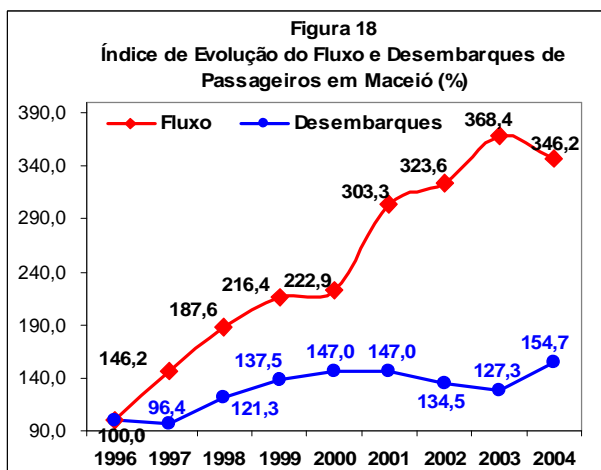
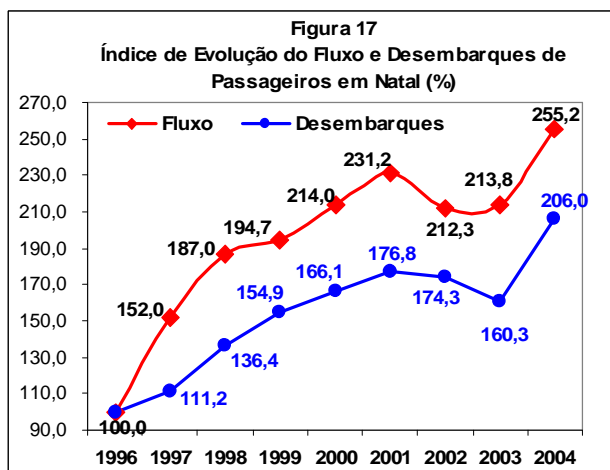
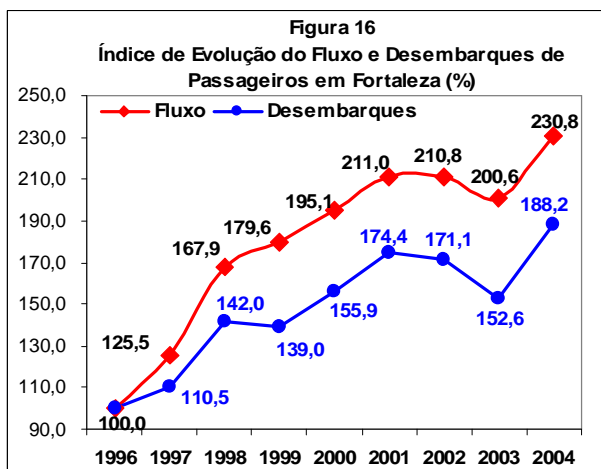
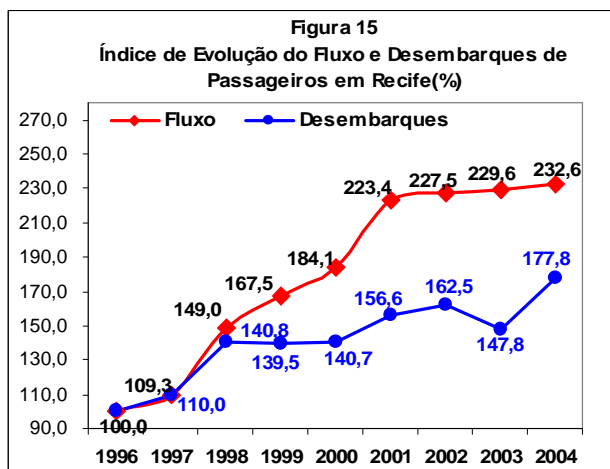
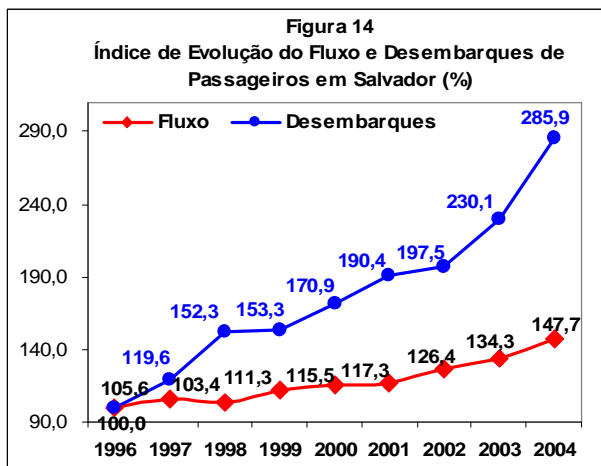
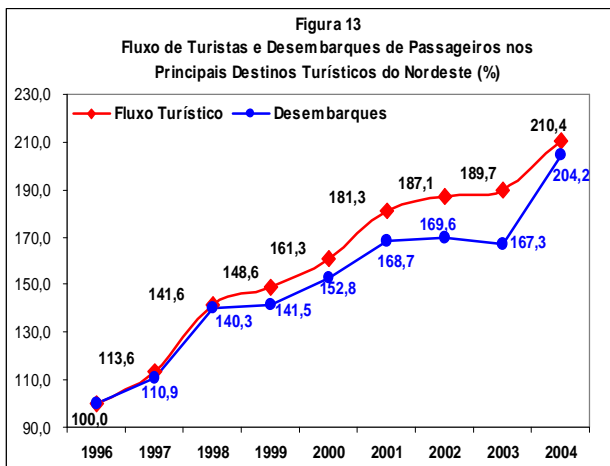
O Quadro 6 apresenta os fluxos turísticos e de desembarques de passageiros nas capitais do Nordeste no período 1996/04. O coeficiente de correlação (r) entre os agregados é de 0,99, revelando uma quase que perfeita sincronização entre as variáveis (Figura 13).

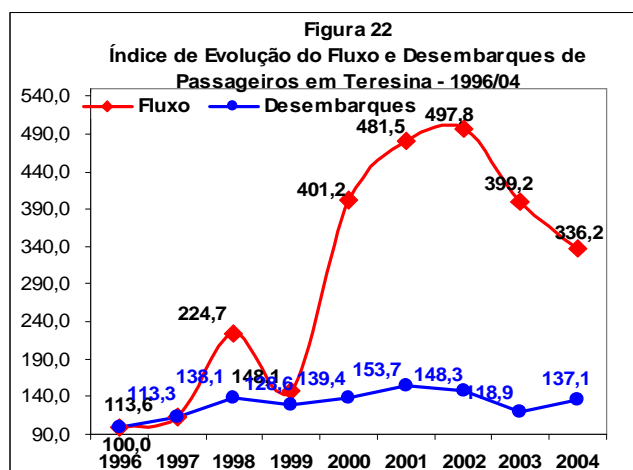
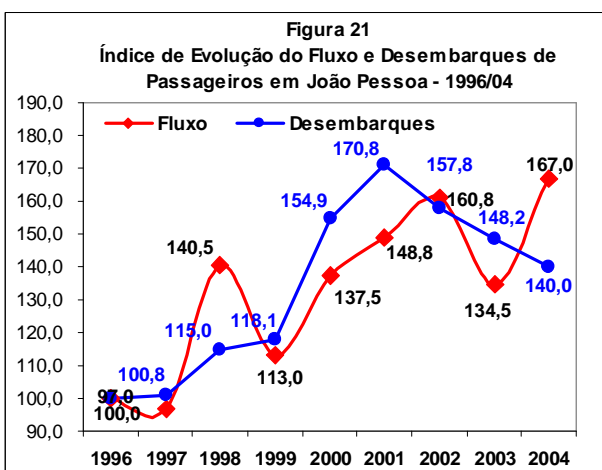
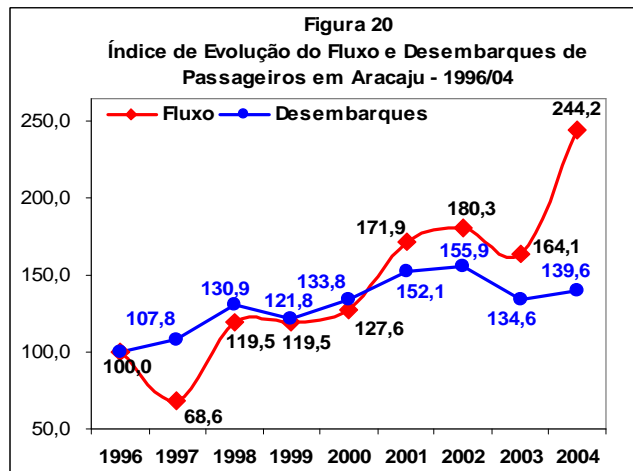
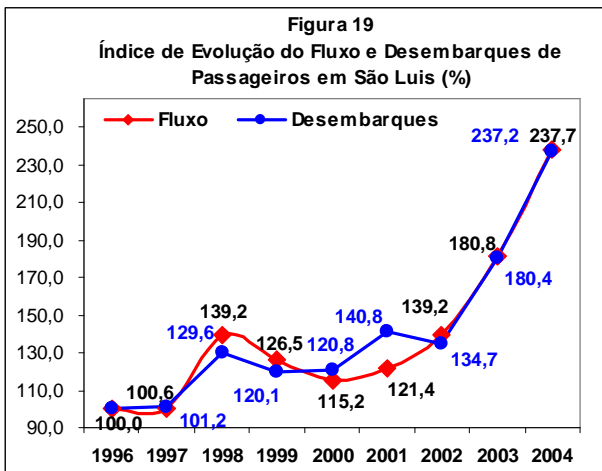
**Quadro 6**  
Fluxo Turístico e Desembarques de Passageiros nos Aeroportos das Capitais do Nordeste – 1996/04

Anos	Fluxo Turístico (FC)			Desembarques (D)			Relação D/FC
	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	
1996	5.037	100,0	-	2.950	100,0	-	0,59
1997	5.720	113,6	13,6	3.271	110,9	10,9	0,57
1998	7.130	141,6	24,7	4.139	140,3	26,5	0,58
1999	7.487	148,6	5,0	4.175	141,5	0,9	0,56
2000	8.126	161,3	8,5	4.509	152,8	8,0	0,55
2001	9.133	181,3	12,4	4.976	168,7	10,4	0,54
2002	9.423	187,1	3,2	5.003	169,6	0,5	0,53
2003	9.555	189,7	1,4	4.935	167,3	-1,4	0,52
2004	10.596	210,4	10,9	6.025	204,2	22,1	0,57

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste.

As figuras a seguir mostram os índices de evolução dos fluxos para as capitais do Nordeste.





### 1.3. Sazonalidade do fluxo

Uma das peculiaridades do fluxo turístico, inerente a qualquer destino turístico, diz a respeito à sua sazonalidade, ou seja, variações de intensidade da demanda turística que caracterizam determinadas épocas do ano, daí a ocorrência da alta e da baixa estação turística.

As causas provocadoras desse fenômeno são atribuídas, notadamente, aos seguintes fatores:

- institucionais - férias trabalhistas e escolares são concentradas e definidas no tempo; e
- climáticos e outros fatores - vinculam as atividades turísticas em determinado período de tempo, tais como: estações climáticas e eventos de massa.

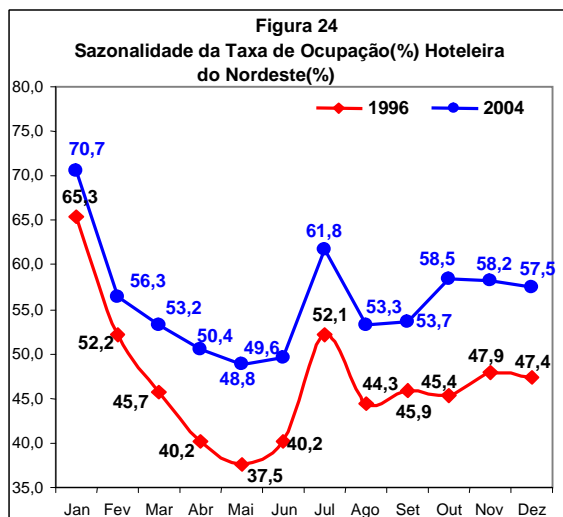
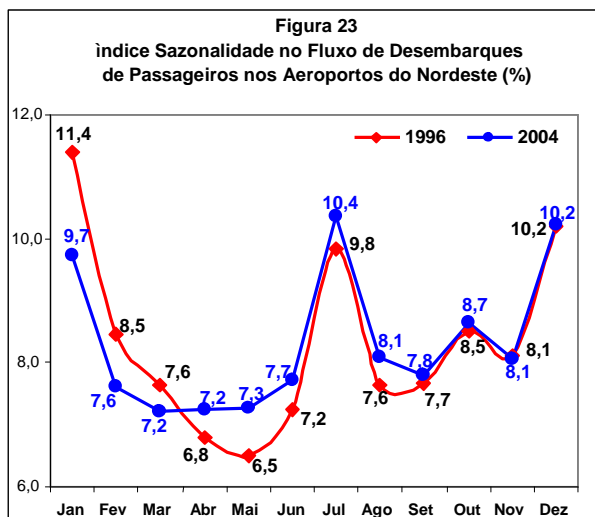
Os efeitos da sazonalidade da demanda sobre os agentes e negócios turísticos, entre outros, são os seguintes:

- degradação da qualidade dos serviços durante o pico da alta estação;
- subutilização dos recursos limitados nos períodos da baixa estação;

- c) redução da rentabilidade dos negócios turísticos e do nível de emprego;
- e
- d) instabilidade no mercado turístico, com implicações nos demais segmentos da economia receptora, via cadeia produtiva e efeito multiplicador.

Com isso, uma das estratégias visando reduzir a ociosidade temporária dos equipamentos turísticos, principalmente na rede hoteleira, e ao desemprego da mão-de-obra num destino turístico, consiste em desenvolver uma política de promoção e de diversificação do produto turístico, no sentido de atenuar os efeitos da sazonalidade da demanda.

No caso específico do Nordeste, confrontando os extremos do período 1996/2004, observa-se que o desenho da *curva de sazonalidade* permanece praticamente inalterado, tanto no fluxo de desembarques de passageiros nos aeroportos das capitais (Figura 23) quanto no comportamento da taxa média de ocupação da rede hoteleira também das capitais nordestinas (figura 24). Note-se que no caso das taxas de ocupação hoteleira, não obstante as curvas apresentarem desenhos semelhantes, a curva de 2004 situa-se acima da curva de 1996, revelando um maior índice de ocupação da capacidade instalada.



#### 1.4. Mudanças no Perfil da Demanda

As alterações no perfil da demanda por turismo são provocadas, principalmente, por fatores psíquico-motivacionais e econômicos. Ademais, os avanços

tecnológicos no aperfeiçoamento e geração de novos processos e estruturas produtivas de bens e serviços e, em particular, no desenvolvimento dos meios de comunicação, determinaram novos padrões de comportamento das pessoas em geral e do turista em particular. No caso específico da demanda por turismo no Nordeste, pode-se ressaltar as seguintes constatações (Quadro 7):

- a) Motivos das viagens – as alterações foram pouco significativas, destacando as quedas nos componentes de *passeios* e de *congresso e convenções*; e o aumento nos componentes *negócios* e outros, o que significa um índice de diversificação da oferta. Todavia, as componentes especificadas, não obstante as variações negativas representaram mais de 90% dos motivos de viagem nos períodos de referência.

**Quadro 7**  
**Variações no Perfil da Demanda Turística: 1996/04**

Itens	Anos		Var (%)
	1996	2004	
<b>Motivos das Viagens</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
. Passeio	35,2	30,7	-12,8
. Visita a Parentes e Amigos	22,9	22,9	-0,1
. Negócios	33,2	34,7	4,4
. Congressos e Convenções	4,4	3,1	-28,7
. Outros	4,3	8,6	100,5
<b>Influência da Visita</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
. Comentário Parente/Amigo	22,1	41,0	85,8
. Mídia (Propaganda)	3,6	5,6	56,4
. Já Conhecia o Local	20,1	35,1	74,4
. Agência de viagem	2,5	5,4	120,4
. Outros	51,8	12,9	-75,1
<b>Origem dos Turistas</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
. Brasil	94,7	91,8	-3,0
. Estrangeiros	5,3	8,2	53,8
<b>Meio de Transporte Utilizado</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
. Ônibus	33,3	35,5	6,6
. Automóvel	24,7	16,7	-32,4
. Avião	41,2	44,4	7,7
. Outros	0,8	3,4	335,9
<b>Meio de Hospedagem</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>
. Hotel	37,2	35,5	-4,5
. Pousada	7,9	9,3	17,3
. Flat	1,7	2,2	33,3
. Albergues	0,4	0,3	-30,2
. Casa de Parente/Amigo	45,3	43,3	-4,5
. Outros	7,5	9,4	25,7

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste.

- b) Influência da visita – neste quesito, fica evidente o crescimento da influência exercida pelas *agências de viagens* e pela *propaganda boca a boca* que adicionadas a componente *mídia* influenciaram cerca de 52,0% das viagens ao Nordeste em 2004 contra 28,2% em 1996, refletindo, assim, um maior potencial de visibilidade do destino Nordeste no mercado turístico de um modo geral. Ademais, a combinação das componentes *comentários de parentes e amigos* com a categoria *já conhecia o local* saltou de 42,2% em 1996 para 76,1%, revelando a importância de um processo de fidelização e do *turismo de raiz* para a região;
- c) Origem dos turistas – o destaque é o crescimento do fluxo turístico internacional para a região, cuja participação passou de 5,3% em 1996 para 8,2% em 2004, parcela portadora de maior poder aquisitivo;
- d) Meios de transporte – o destaque neste quesito resulta do processo de substituição inter-modal, quando se observa um crescimento do transporte aéreo e uma redução do transporte rodoviário por veículos particulares (automóveis), em parte explicado pelo crescimento do fluxo internacional, cujo acesso ocorre geralmente por via aérea; e
- e) Meios de hospedagem – neste particular é notório o crescimento dos meios de hospedagem que compõem a rede hoteleira, com ênfase para as pousadas e os flats.

De um modo geral, as alterações ocorridas no perfil da demanda por turismo no Nordeste se processaram de forma significativa nos fatores de influência das viagens, nos meios de transporte e na origem do fluxo turístico para a região.

## 1.6. Mercados emissores

Conforme foi acentuado no item anterior (Quadro 7), na composição do fluxo turístico para o Nordeste a componente internacional saltou de 5,3% para 8,2% entre 1996/2004. A propósito, o Quadro 8 mostra os principais mercados emissores internacionais para o Nordeste, onde se observam as seguintes alterações de natureza mercadológica:

- a) O destaque principal é o crescimento do mercado emissor português; e  
 b) Outra constatação é o surgimento recente dos países anglo-saxões europeus entre os principais mercados emissores, em substituição aos mercados emissores europeus de língua latina (França e Espanha).

**Quadro 8**  
**Principais Mercados Emissores Internacionais para o Nordeste: 1996-2004**

1996		2004	
. Itália	12,9	. Portugal	23,6
. Argentina	12,1	. Itália	13,7
. Estados Unidos	11,5	. Argentina	12,9
. Alemanha	10,2	. Estados Unidos	10,2
. França	8,2	. Alemanha	9,5
. Portugal	7,5	. Holanda	9,2
. Espanha	6,6	. Suíça	6,5
. Outros	31,1	. Outros	14,4
<b>. Total Geral</b>	<b>100,0</b>	<b>. Total Geral</b>	<b>100,0</b>

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste.

No tocante aos mercados emissores nacionais para o Nordeste, de acordo com o Quadro 9, com base em estudo realizado pela FIPE/EMBRATUR, em 1998, cerca de 69,45% do fluxo turístico doméstico para o Nordeste é emitido pelos estados da própria região e que 42,36%, isto é, cerca de 61,0% desse fluxo intraregional é efetuado dentro dos próprios estados, ou seja, é correspondente ao turismo intraestadual. O fluxo turístico para o Nordeste oriundo de outras regiões, em 1998, correspondeu a 30,55%. Note-se que o fluxo turístico da região no turismo doméstico do país representou 31,85%, sendo que a parcela de origem em outras regiões foi de 9,73%.

**Quadro 9**  
**Estrutura do Fluxo Turístico no Nordeste com Base no Turismo Doméstico do Brasil - 1998**

Tipo de Fluxos	Participação do Fluxo Doméstico no País	Participação do Fluxo Doméstico para o Nordeste
<b>1. Origem Regional</b>	<b>22,12</b>	<b>69,45</b>
- Intraestadual	13,49	42,36
- Interestadual	8,63	27,09
2. Extra Regional	9,73	30,55
3. Nordeste (1+2)	31,85	100,00
4. Brasil	100,00	-

Fonte: EMBRATUR

O Quadro a seguir apresenta os principais mercados emissores nacionais para o Nordeste, em 2004 (excluindo os fluxos intra-estaduais), destacando-se o Estado de São Paulo como o principal mercado emissor.

**Quadro 10**  
**Mercados Emissores Nacionais para o Nordeste - 2004**

Mercados	(%)
. São Paulo	16,8
. Bahia	13,4
. Pernambuco	11,9
. Ceará	10,4
. Rio de Janeiro	9,1
. Maranhão	9,0
. Distrito Federal	7,1
. Paraíba	6,6
. Outros	15,9

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste.

Ressalte-se que entre os oito maiores estados emissores para o Nordeste cinco são da própria região, representando cerca de 51,3% do fluxo de origem nacional. Não obstante, considerando-se que, grosso modo, os fatores renda e população são variáveis determinantes na formação do potencial turístico de um mercado emissor, espera-se que a tendência a longo prazo é no sentido de elevar a participação dos estados emissores do sudeste, sul e centro-oeste na formação do fluxo para o Nordeste.

### **1.5. O Nordeste no Contexto turístico Nacional**

No tocante ao posicionamento do Nordeste no mercado turístico de origem nacional, com base, ainda, em estudos realizados pela EMBRATUR/FIPE, verifica-se as seguintes constatações (Quadro 11):

- a) Principais mercados emissores: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul; e
- b) Principais mercados receptores: São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraná, Minas Gerais e Ceará.

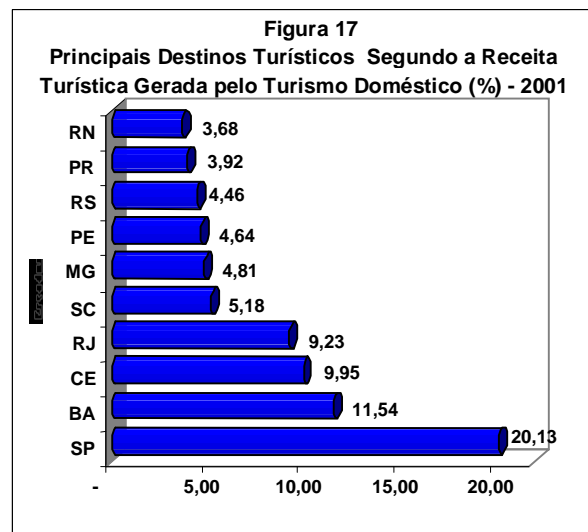
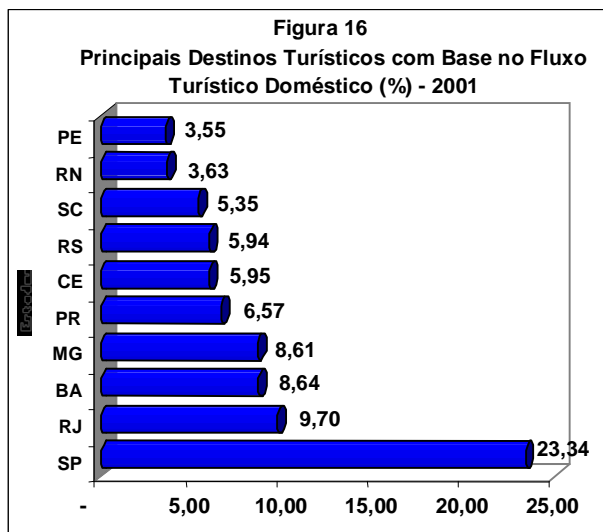
Vale destacar, que os estados do Ceará e Bahia são os principais destinos receptores líquidos, tanto em 1998 quanto em 2001, e que, neste último ano, todos os estados nordestinos apresentaram saldos positivos no balanço turístico entre fluxo receptivo e emissivo.

**Quadro 11**  
**Turismo Doméstico no Brasil: 1998-2001**

Mercados	Emissivo (mil)							Receptivo (mil)							Saldo (mil)	
	1998			2001			Variação (%)	1998			2001			Variação (%)	1998	2001
	R1	Abs	(%)	R2	Abs	(%)		R3	Abs	(%)	R4	Abs	(%)		Abs	Abs
SP	1	9.363	24,51	1	12.500	27,78	33,5	1	7.151	18,72	1	10.501	23,34	46,8	-2.212	-1.999
RJ	3	2.605	6,82	5	5.874	13,05	125,5	2	3.148	8,24	2	4.364	9,70	38,6	542	-1.511
BA	10	1.635	4,28	8	2.979	6,62	82,2	6	2.624	6,87	3	3.888	8,64	48,2	989	909
MG	4	2.563	6,71	3	3.805	8,45	48,4	5	2.651	6,94	4	3.875	8,61	46,2	88	70
PR	2	2.865	7,50	2	3.111	6,91	8,6	4	2.693	7,05	5	2.954	6,57	9,7	-172	-157
CE	6	1.872	4,90	9	1.517	3,37	-18,9	3	2.789	7,30	6	2.679	5,95	-3,9	917	1.162
RS	5	2.151	5,63	4	2.432	5,40	13,1	11	1.559	4,08	7	2.675	5,94	71,6	-592	243
SC	12	1.096	2,87	18	1.978	4,39	80,4	7	1.937	5,07	8	2.407	5,35	24,3	840	430
RN	14	940	2,46	14	1.455	3,23	54,8	15	886	2,32	9	1.634	3,63	84,4	-53	179
PE	9	1.761	4,61	10	1.520	3,38	-13,7	9	1.830	4,79	10	1.599	3,55	-12,6	69	79
GO	11	1.184	3,10	16	578	1,29	-51,2	13	1.070	2,80	11	1.381	3,07	29,1	-115	803
ES	13	1.051	2,75	13	423	0,94	-59,7	10	1.574	4,12	12	1.123	2,50	-28,6	523	700
PB	16	798	2,09	17	774	1,72	-3,1	14	993	2,60	13	850	1,89	-14,5	195	76
PA	7	1.864	4,88	6	588	1,31	-68,5	8	1.887	4,94	14	771	1,71	-59,1	23	183
DF	19	558	1,46	15	1.274	2,83	128,4	19	470	1,23	15	692	1,54	47,3	-88	-582
PI	15	886	2,32	11	563	1,25	-36,4	16	680	1,78	16	650	1,45	-4,3	-206	87
MA	8	1.769	4,63	7	853	1,89	-51,8	12	1.433	3,75	17	594	1,32	-58,6	-336	-259
SE	24	252	0,66	22	295	0,65	16,9	20	371	0,97	18	540	1,20	45,6	118	245
AL	18	611	1,60	23	586	1,30	-4,1	17	558	1,46	19	519	1,15	-7,0	-53	-67
MT	22	313	0,82	19	366	0,81	16,8	21	363	0,95	20	418	0,93	15,3	50	53
MS	21	317	0,83	20	395	0,88	24,5	22	309	0,81	21	360	0,80	16,4	-8	-35
AM	17	669	1,75	12	398	0,88	-40,5	18	478	1,25	22	182	0,40	-61,9	-191	-216
TO	23	309	0,81	27	65	0,15	-78,9	24	202	0,53	23	154	0,34	-24,0	-107	89
AP	25	164	0,43	24	318	0,71	93,9	25	118	0,31	24	67	0,15	-43,8	-46	-252
RO	20	432	1,13	21	152	0,34	-64,8	23	264	0,69	25	66	0,15	-75,1	-168	-86
RR	27	84	0,22	26	106	0,24	26,4	27	46	0,12	26	38	0,09	-16,6	-38	-68
AC	26	88	0,23	25	95	0,21	8,6	26	118	0,31	27	20	0,04	-83,2	31	-76
<b>Brasil</b>		<b>38.200</b>	<b>100,00</b>		<b>45.000</b>	<b>100,00</b>	<b>17,8</b>		<b>38.200</b>	<b>100,00</b>		<b>45.000</b>	<b>100,00</b>	<b>17,8</b>	-	-

Fonte: FIPE/EMBRATUR

As figuras a seguir mostram os principais estados turísticos receptores com base no fluxo turístico interno ou doméstico do país em 2001.



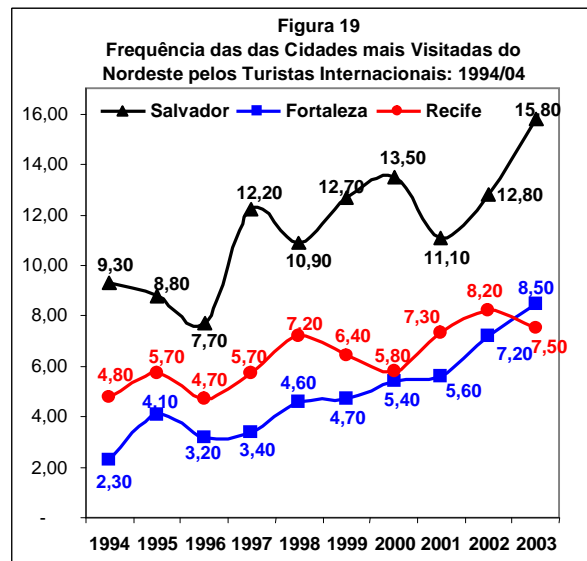
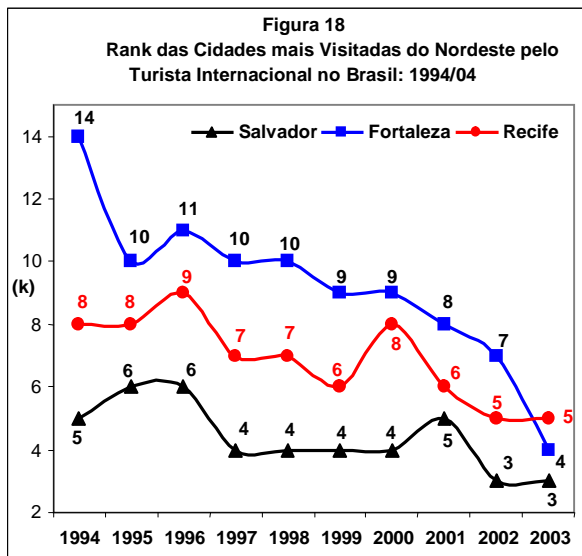
No tocante ao fluxo turístico (Figura 16), observa-se que entre os dez principais destinos turísticos do país quatro estão no Nordeste (Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco), que juntos absorveram 21,8% do fluxo doméstico do país em 2001. Quanto à participação na receita turística gerada (Figura 17), a constatação é semelhante, pois a parcela apropriada pelos quatro estados do Nordeste (BA, CE, PE e RN) é de 29,8% da receita turística gerada pelo turismo doméstico no país, em 2001.

Quanto ao posicionamento do Nordeste na preferência dos turistas internacionais no Brasil, seu crescimento fica evidente quando se observa a evolução dos principais destinos turísticos da região no *rank* das cidades mais visitadas pelos turistas internacionais. Conforme constata-se no Quadro 12 e Figuras 18 e 19, é notório o crescimento dos principais destinos do Nordeste, principalmente a evolução da preferência pela cidade de Fortaleza, saltando do 14º em 1994 para o 4º lugar em 2003.

**Quadro 12**  
**Evolução do Rank das Capitais do Nordeste entre as Principais Cidades Visitadas pelo Turistas Internacionais no Brasil – 1994/2003**

Mercados	CIDADES BRASILEIRAS MAIS VISITADAS PELOS TURISTAS INTERNACIONAIS NO BRASIL																			
	Anos																			
	1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000		2001		2002		2003	
	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)	Rank	(%)
. Rio de Janeiro	1	39,5	1	41,8	1	30,5	1	37,4	1	30,2	1	32,5	1	34,1	1	28,8	1	38,6	1	36,9
. São Paulo	2	21,3	2	19,9	2	22,4	2	23,5	2	18,4	3	13,7	2	19,7	2	17,0	2	20,8	2	18,5
. Florianópolis	3	15,3	4	11,4	3	17,0	3	13,9	3	14,0	2	17,7	3	18,7	3	15,8	8	6,4	9	5,3
. Foz do Iguaçu	4	12,7	3	16,0	4	16,6	5	11,8	5	8,9	5	11,8	5	12,9	4	11,5	4	9,3	6	7,4
. Salvador	5	9,3	6	8,8	6	7,7	4	12,2	4	10,9	4	12,7	4	13,5	5	11,1	3	12,8	3	15,8
. Porto Alegre	6	7,8	5	9,7	5	10,1	6	7,9	6	7,9	7	6,0	7	5,9	7	7,1	6	7,9	8	5,9
. Camburiú	7	6,6	7	6,2	7	5,4	9	3,7	9	5,1	8	4,8	6	6,6	9	4,8	...	...	...	...
. Recife	8	4,8	8	5,7	9	4,7	7	5,7	7	7,2	6	6,4	8	5,8	6	7,3	5	8,2	5	7,5
. Curitiba	9	4,1	...	...	14	12,1	11	3,2	12	3,0	12	2,7	...	...	...	...	...	...	...	...
. Fortaleza	14	2,3	10	4,1	11	3,2	10	3,4	10	4,6	9	4,7	9	5,4	8	5,6	7	7,2	4	8,5
. Manaus	11	3,8	9	5,0	8	4,7	8	4,2	11	3,3	17	2,1	...	...	...	...	...	...	...	...
. Búzios	...	...	12	3,4	12	2,7	14	2,8	8	5,4	10	4,6	10	4,0	10	3,9	10	3,6	7	6,0
. Torres	10	3,9	...	...	10	4,4	15	2,1	13	3,0	11	2,9	...	...	...	...	...	...	...	...
. Belo Horizonte	13	2,6	13	2,8	15	1,7	12	3,0	...	...	14	2,3	...	...	...	...	...	...	10	5,1
. Brasília	...	...	11	3,5	13	2,3	13	2,9	14	2,5	18	1,7	...	...	...	...	...	...	...	...
. Natal	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	13	2,7	...	...	...	...	9	3,7	...	...

Fontes: EMBRATUR e SETUR/CE



## 2. RECEITA TURÍSTICA E IMPACTO NO PIB

### 2.1 Aspecto metodológico e mensuração

O turismo é um fenômeno que se expressa através da demanda. A OMT (1999) estabelece uma classificação do consumo associado à tipologia dos fluxos turísticos, ou seja:

- consumo turístico receptivo – gastos efetuados pelos turistas externos no país de destino
- consumo turístico emissivo – gastos efetuados por residente de um país e viagens fora do país
- consumo turístico interno – gastos efetuados pelos residentes em viagens dentro do país (turismo doméstico)
- consumo turístico interior – gastos efetuados dentro do país, pelos turistas externos, domésticos e pelos turistas emissivos dentro do país

Por limitação de natureza estatística, face à inexistência da Conta Satélite do Turismo (CST) no Nordeste, as receitas mensuradas referem-se basicamente ao consumo receptivo externo (exportações) e ao consumo do fluxo turístico oriundo de outras regiões do país para o Nordeste e ao consumo do fluxo turístico entre os estados da região. Em outras palavras, exclui do consumo interior o consumo turístico do fluxo turístico intraestadual e parcela do consumo turístico emissor do Nordeste que é efetuado dentro da região (despesas pré e

pós viagem). Ademais, não serão considerados, ainda, os gastos de consumo coletivo (provisão de serviços públicos, promoção turística, etc), bem como os gastos públicos e privados na formação bruta de capital fixo, exceto os investimentos diretos efetuados pelo PRODETUR/ NE I (Quadro 4).

## 2.2 Evolução da receita turística e impactos no PIB

O Quadro 13 mostra a evolução da receita turística no Nordeste e os impactos na economia expresso em termo do Produto Interno Bruto da região (PIB).

Quadro 13  
Evolução da Receita Turística e Impacto no PIB do Nordeste – 1996/04

Anos	Receita (milhões)		PIB (milhões)		Renda Gerada (milhões)		Impacto PIB (%)
	R\$	US\$	R\$	US\$	R\$	US\$	
1996	2.702	2.702	102.597	102.597	4.971	4.971	4,8
1997	3.064	2.837	113.942	105.502	5.637	5.219	4,9
1998	4.007	3.454	119.319	102.861	7.373	6.356	6,2
1999	4.334	2.395	127.673	70.537	7.975	4.406	6,2
2000	4.873	2.663	144.135	78.762	8.966	4.899	6,2
2001	9.642	4.103	157.302	66.937	17.741	7.549	11,3
2002	9.846	3.372	181.933	62.306	18.117	6.204	10,0
2003	12.521	4.065	213.550	69.334	23.038	7.480	10,8
2004	12.810	4.372	240.582	82.110	23.570	8.044	10,6

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS, INFRAERO e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste.

Nota: a) A Receita Direta é obtida pelo produto entre Gasto Percapita e Demanda Turística (fluxo); b) Receita Turística Total (Direta+Indireta) ou Renda Gerada decorre do processo interativo dos gastos dos turistas na economia via propensão marginal a consumir (efeito multiplicador); c) O multiplicador dos gastos turísticos utilizado foram de 2,85 para o internacional e 1,75 para o nacional. Vide EMBRATUR (1999).

Como pode ser observado, o impacto da receita expressa em termos do PIB, ampliada pelo efeito multiplicador, aumentou ao longo do período 1996/2004 de 4,8 % para 10,8 % em 2003, sendo de 10,6% em 2004.

O Quadro 14 mostra a evolução das receitas turísticas em todos os estados do Nordeste no período 1996/2004.

**Quadro 14**  
**Evolução da Receita Turística do Nordeste – 1996/04**

Indicadores	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	Nordeste
<b>1996</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	605	108	989	563	560	1330	495	320	2880	7.850
. Gasto Percapita R\$	216,51	354,19	609,81	397,47	219,29	359,07	292,19	332,59	296,59	341,97
. Receita Turística (R\$ mil)	130.989	38.253	603.102	223.776	122.802	477.563	144.634	106.429	854.179	2.701.726
<b>1997</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	607	123	1241	857	521	1574	724	218	3041	8.906
. Gasto Percapita R\$	293,52	293,52	354,57	327,09	267,43	356,84	323,71	362,69	366,48	327,32
. Receita Turística (R\$ mil)	178.167	36.103	440.021	280.316	139.331	561.666	234.366	79.066	1.114.466	3.063.502
<b>1998</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	841	280	1578	1052	756	1904	929	382	3753	11.475
. Gasto Percapita R\$	294,85	294,84	534,57	316,34	235,49	328,48	328,35	242,32	346,11	324,59
. Receita Turística (R\$ mil)	247.969	82.555	843.551	332.790	178.030	625.426	305.037	92.566	1.298.951	4.006.876
<b>1999</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	764	310	1752	1142	633	2311	1071	383	4037	12.403
. Gasto Percapita R\$	230,43	268,94	582,22	448,63	238,37	270	273,12	206,72	345,79	318,25
. Receita Turística (R\$ mil)	176.049	83.371	1.020.049	512.335	150.888	623.970	292.512	79.174	1.395.954	4.334.303
<b>2000</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	696	500	2000	1280	762	2654	1015	409	4150	13.466
. Gasto Percapita R\$	206,64	264,36	562,77	364,42	250,92	335,7	261,68	259,7	373,68	319,99
. Receita Turística (R\$ mil)	143.821	132.180	1.125.540	466.458	191.201	890.948	265.605	106.217	1.550.772	4.872.742
<b>2001</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	733	600	2947	1420	833	3217	1251	551	4137	15.689
. Gasto Percapita R\$	736,06	736,06	607,42	375,06	736,06	730,78	736,06	736,06	494,91	654,27
. Receita Turística (R\$ mil)	539.532	441.636	1.790.067	532.585	613.138	2.350.919	920.811	405.569	2.047.443	9.641.700
<b>2002</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	840	621	2685	1424	909	3277	1334	578	4427	16.095
. Gasto Percapita R\$	598,67	598,67	708	473,04	598,67	819,26	509,01	598,67	484,04	598,67
. Receita Turística (R\$ mil)	502.883	371.774	1.900.980	673.609	544.191	2.684.715	679.019	346.031	2.142.845	9.846.048
<b>2003</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	1092	498	2396	1452	759	3313	1519	526	4709	16.264
. Gasto Percapita R\$	769,34	769,34	837,51	795,14	769,34	1230,92	489,04	769,34	494,1	769,34
. Receita Turística (R\$ mil)	840.119	383.131	2.006.674	1.154.543	583.929	4.078.038	742.852	404.673	2.326.717	12.520.676
<b>2004</b>										
. Fluxo Turístico (mil)	1013	484	2806	1783	949	3352	1428	783	5180	17.778
. Gasto Percapita R\$	709,69	310,07	997,11	849,6	709,69	718,02	726,04	709,69	570,52	700,05
. Receita Turística (R\$ mil)	718.916	150.074	2.797.891	1.514.837	673.496	2.406.803	1.036.785	555.687	2.955.294	12.809.782

Obs: 2001 (gastos percapita dos estados MA, PI, PB, AL e SE) foram estimados com base na média dos demais estados da região; 2002 (gastos percapita dos estados MA, PI, PB e SE foram estimados com base na média dos demais estados da região; em 2003 (gastos percapita dos estados MA, PI, PB e SE foram estimados com base na média dos demais estados da região;

### 2.3. Geração de divisas e exportações

O turismo tem importância significativa na geração de divisas em vários países do mundo, tais como, Espanha, França e México, onde as exportações turísticas resultantes do fluxo turístico oriundo do resto do mundo (consumo turístico receptor), é tão importante quanto as exportações de mercadorias.

**Quadro 15**  
**Fluxo Turístico e Receita Gerada pelo Turismo no Nordeste**

Indicadores	1996	2004	Var(%)
. Fluxo Turístico (mil)	7.850	17.778	126,5
- Nacional	7.432	16.320	119,6
- <b>Internacional</b>	<b>418</b>	<b>1.458</b>	<b>248,8</b>
. Gasto Percapita (US\$)	344,20	245,92	-28,6
- Nacional	330,82	222,05	-32,9
- Internacional	583,21	513,14	-12,0
. Receita Turística (US\$ milhões)	2.702	4.372	61,8
- Nacional	2.458	4.013	63,3
- <b>Internacional</b>	<b>244</b>	<b>359</b>	<b>47,1</b>
. Renda Gerada (US\$ milhões)	4.972	8.044	61,8
- Nacional	4.302	7.024	63,3
- Internacional	695	1.020	46,8
. Impacto no PIB (%)	4,8	10,6	118,7
- Nacional	4,2	8,6	104,0
- <b>Internacional</b>	<b>0,7</b>	<b>2,0</b>	<b>202,1</b>

Fonte: GTP/CTI-NE e Órgãos Oficiais de Turismo dos Estados

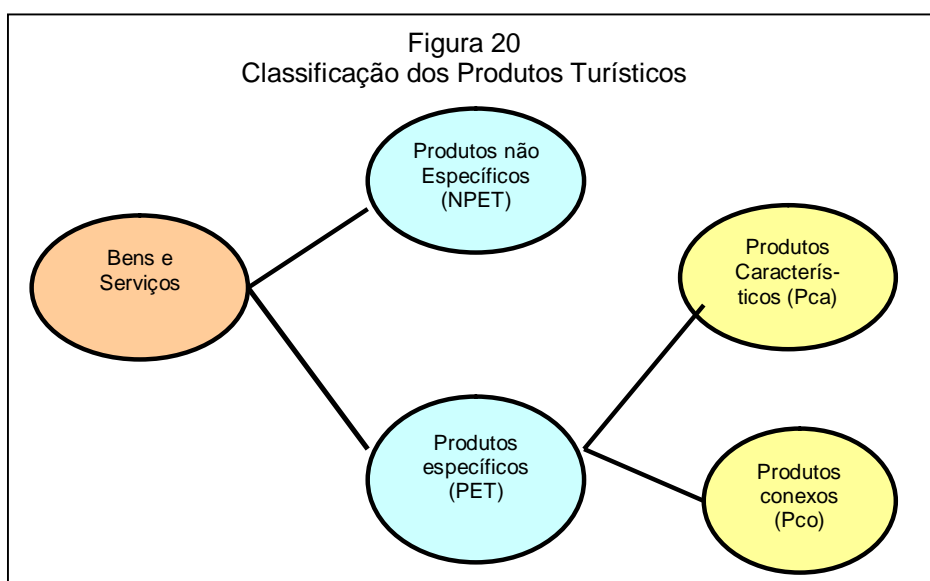
Obs: Cotação média anual do dólar igual a R\$ 1,00 (1996) e R\$ 2,93 (2004)

De acordo com o Quadro 15, o fluxo turístico internacional (turismo receptor) para o Nordeste acarretou um ingresso de divisas para o país da ordem de US\$ 244,0 milhões em 1996 e de US\$ 359,0 milhões em 2004.

### 3. AUMENTO DAS ATIVIDADES TURÍSTICAS

#### 3.1. Produtos e atividades turísticas

Segundo a OMT (1999), os bens econômicos, do ponto de vista do consumo turístico, podem ser classificados em duas categorias: produtos de consumo específicos do turismo (PET) e produtos de consumo não específicos do turismo (NPET), sendo os produtos específicos classificados em produtos característicos do turismo (PCa) e produtos conexos (PCo).



Os produtos característicos do turismo (PCa) são os serviços mundialmente considerados como importantes para o consumo turístico, tais como os serviços de alojamento, alimentação e transportes de passageiros. Os produtos conexos de turismo (PCo) são os bens e serviços com importância regional ou local para o consumo turístico.

Assim, no caso dos produtos específicos (PET), a produção depende fortemente do consumo turístico, já para os produtos de consumo não específicos do

turismo (NPET), que são os demais bens, a produção não depende do consumo turístico ou tem pouca expressão.

Segundo, ainda, a OMT, as atividades econômicas do turismo são classificadas com base na conceituação dos produtos turísticos (Quadro 16).

**Quadro 16**  
**Produtos Turístico Atividades Correspondentes**

<b>Produtos</b>	<b>Atividades</b>
<b>I. Bens de Consumo Específicos (PET)</b>	<b>Atividades Específicas do Turismo</b>
<b>1. Produtos Característicos (PCa)</b>	<b>Atividades Características</b>
1.1. Serviço de alojamento	Hotéis e similares e proprietários de segunda residência
1.2. Serviços de alimentação e bebidas	Restaurantes e similares
1.3. Serviços de transportes de passageiros	Serviços rodoviários de transporte de passageiros, transportes aéreo e outros
1.4. Agência de viagens, operadoras e serviço de guia	Agências de viagens e similares
1.5. Serviços culturais	Serviços Culturais
1.6. Recreação e outros serviços de entretenimento	Esportes e outros serviços de recreação
1.7. Outros serviços característicos	Serviços de segurança e outros
<b>2. Produtos Conexos (PCo)</b>	<b>Atividades Conexas</b>
2.1. Artesanato e souvenir	Artesãos
2.2. Outros	Outros
<b>II. Bens de Consumo não Específicos (NPET)</b>	<b>Atividades não Específicas do turismo</b>
3. Outros bens e serviços	3. Outras atividades econômicas

Fonte: OMT – Organização Mundial de Turismo (1999)

Face às limitações na disponibilidade das informações, serão analisadas apenas as principais atividades características do turismo, ou sejam, alojamento, alimentação, agências de viagens, transportes aéreo e rodoviário, atividades recreativas e locadoras de veículos.

### **3.2. Aumento das atividades características do turismo**

De acordo com o Quadro 17, o crescimento do número de estabelecimentos nas atividades características do turismo no Nordeste, no período 1994/2003, foi superior ao verificado para o Brasil, com exceção do ramo de transporte rodoviário.

**Quadro 17**  
**Número de Estabelecimentos nas Atividades Características**  
**Principais do Turismo no Nordeste**

Segmentos	Nordeste		Var (%)	Brasil		Var (%)
	1994	2003		1994	2003	
. Alojamento	1.935	6.697	246,1	12.646	31.373	148,1
. Alimentação	4.944	30.871	524,4	61.381	325.893	430,9
. Agências	580	3.374	481,7	5.068	19.142	277,7
. Transporte Aéreo	90	229	154,4	918	1.698	85,0
. Transporte Rodoviário	589	3.828	549,9	4.219	30.670	626,9
. Atividade Recreativa	1.853	12.449	571,8	17.673	96.354	445,2
. Locadora de Veículos	193	2.174	1026,4	1.000	7.174	617,4
<b>Total Geral</b>	<b>10.184</b>	<b>59.622</b>	<b>485,4</b>	<b>102.905</b>	<b>512.304</b>	<b>397,8</b>

Fonte: MTE (RAIS)

O crescimento no total de estabelecimentos das atividades relacionadas, no Brasil, foi de 397,8%, enquanto que no Nordeste o aumento foi de 485,4%. Os segmentos que mais proliferaram foram os de locadoras de veículos, atividades recreativas, transportes rodoviário e de alimentação. As atividades com menor crescimento foram as de transporte aérea e de alojamento. Embora as taxas de crescimento desses importantes segmentos turísticos (transporte aéreo e alojamento) sejam também significativa (154,4% e 246,1% respectivamente) deve ser levado em consideração que tais atividades exigem elevado grau de imobilização do capital (investimentos). No caso do ramo de alojamento, a proporção que um destino se desenvolve, ocorre o ingresso de capitais na implantação de estabelecimentos hoteleiros de grande porte pertencentes as redes internacionais, provocando um processo de ajustes na capacidade hoteleira instalada no mercado, geralmente, alijando do mercado um número significativo de pequenos e médios estabelecimentos.

### 3.3. Considerações sobre as atividades de alojamento e alimentação

Face à importância das atividades de alojamento e alimentação para o turismo convém analisar a relevância desses segmentos na estrutura produtiva da economia. O Quadro 18 apresenta dois indicadores relacionados com a contribuição dessas atividades (alojamento e alimentação) na geração do PIB dos estados do Nordeste e no PIB da região.

**Quadro 18**  
**Representatividade das atividades alojamento e**  
**alimentação no Nordeste: 1996-2002**

Estados	Participação das atividades alojamento e alimentação no PIB dos estados do Nordeste			Participação das atividades alojamento e alimentação dos estados no PIB setorial do Nordeste		
	1996	2002	Var (%)	1996	2002	Var (%)
MA	1,96	1,00	-49,0	4,80	3,50	-27,1
PI	2,23	0,90	-59,6	3,10	1,80	-41,9
CE	2,52	2,70	7,1	14,30	21,00	46,9
RN	2,9	1,30	-55,2	6,10	4,80	-21,3
PB	1,61	0,60	-62,7	3,70	2,30	-37,8
PE	4,02	2,40	-40,3	30,60	27,90	-8,8
AL	2,65	1,10	-58,5	4,80	2,10	-56,3
SE	2,28	0,70	-69,3	3,50	2,90	-17,1
BA	2,46	1,70	-30,9	29,20	33,70	15,4
<b>NE</b>	<b>2,51(*)</b>	<b>1,37(*)</b>	<b>-45,4</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>-</b>

Fonte: IBGE

(\*) Média aritmética.

Comparando os resultados de 1996 com 2002, constata-se que o desempenho revelado pelo setor, tanto no tocante à contribuição na formação do PIB dos estados Nordestinos, quanto na formação do PIB setorial da região, ao contrário do esperado, os indicadores revelam perdas relativas para todos os estados do Nordeste, com exceção do Estado do Ceará, cujo desempenho foi significativo em ambos os indicadores, e a Bahia no tocante à formação do PIB do setor para o Nordeste, embora apresente uma queda relativa na estrutura produtiva do estado.

A respeito, considerado o significativo crescimento do turismo no Nordeste, em termo de fluxo de turistas e das receitas, e do impacto relativo no PIB, a causa mais provável para os resultados obtidos pelo setor na formação do PIB deve ser atribuída ao fato de que as informações turísticas ainda não são produzidas de forma suficiente pelos órgãos oficiais de turismo e não adequadas aos procedimentos metodológicos adotados para a mensuração dos agregados macroeconômicos pelos órgãos responsáveis pela confecção das Contas Regionais. Esse tipo de inconsistência poderá ser resolvido com a implantação da Conta Satélite do Turismo no âmbito dos estados da região (CST).

### 3.4. Desempenho da rede hoteleira

No turismo, um dos indicadores relevantes na avaliação de sua evolução, consiste na análise do desempenho revelado pela rede hoteleira instalada em determinado destino.

**Quadro 19**  
**Oferta Hoteleira das Capitais do Nordeste: 1996-2004**

Capitais	Unidades Habitacionais				Variações(%)	
	1996		2004		Total	Anual
	Uhs	(%)	Uhs	(%)		
. Salvador (BA)	8.427	27,2	10.841	22,7	28,6	3,7
. Recife (PE)	3.806	12,3	5.214	10,9	37,0	4,6
. Fortaleza (CE)	5.945	19,2	10.251	21,5	72,4	8,1
. Natal (RN)	4.894	15,8	7.653	16,0	56,4	6,6
. Maceió (AL)	1.558	5,0	5.325	11,2	241,8	19,2
. São Luís (MA)	774	2,5	946	2,0	22,2	2,9
. Aracaju (SE)	2.329	7,5	3.579	7,5	53,7	6,3
. João Pessoa (PB)	2.259	7,3	2.367	5,0	4,8	0,7
. Teresina (PI)	950	3,1	1.510	3,2	58,9	6,9
<b>Total</b>	<b>30.942</b>	<b>100,0</b>	<b>47.686</b>	<b>100,0</b>	<b>54,1</b>	<b>6,4</b>

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste  
Obs: Natal inclui municípios da grande Natal.

A propósito, o Quadro 19 registra a capacidade instalada na rede hoteleira nas capitais do Nordeste nos extremos do período 1996/2004, em termos de UHs(apartamentos). Observa-se, então, que a hotelaria nas capitais do Nordeste saltou de 30942 UHs em 1996 para 47.686 UHs em 2004, registrando um aumento de 54,1% no período, correspondendo a uma taxa anual de crescimento da ordem de 6,4%. De acordo, ainda, com os resultados apresentados constata-se que as capitais com melhores desempenhos foram: Maceió (241,8%), Fortaleza (72,4%), Teresina (58,9%), Natal (56,4%) e Aracaju (53,7%)

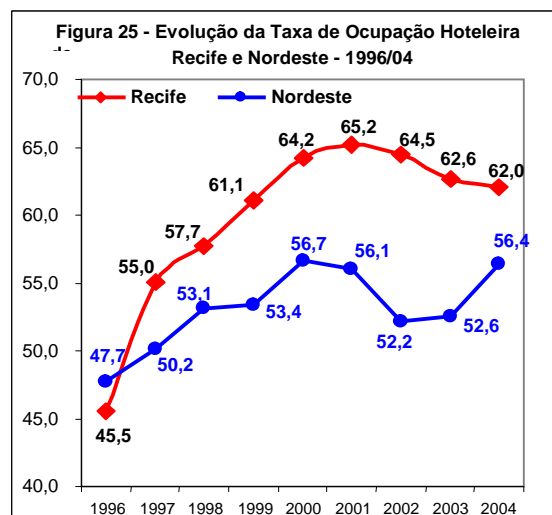
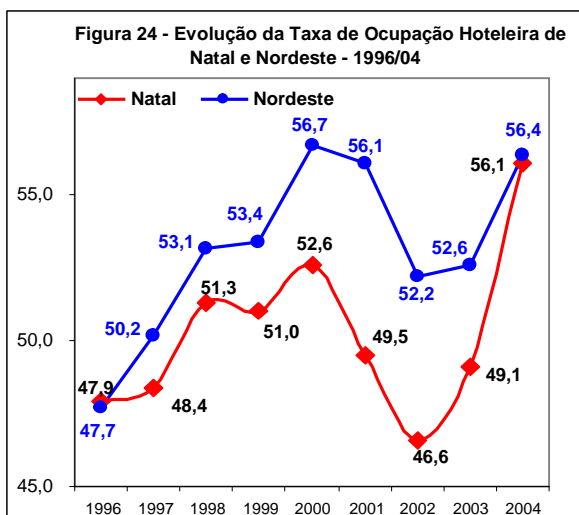
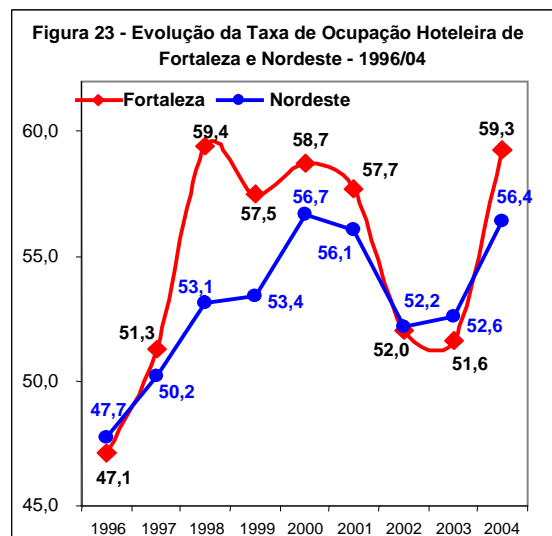
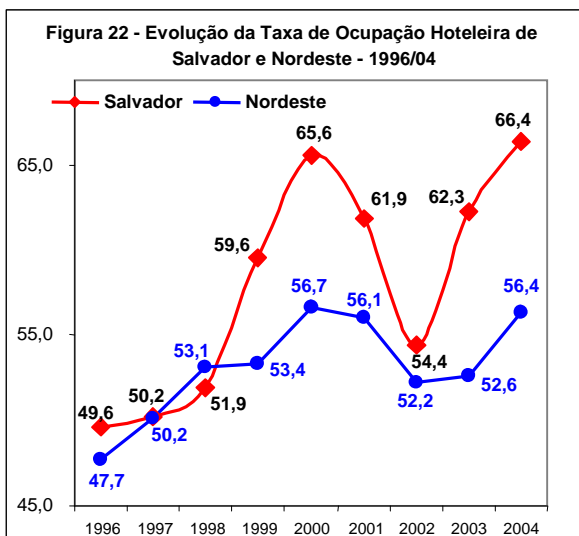
No tocante à distribuição da capacidade instalada constata-se que as cidades de Salvador (22,7%), Fortaleza (21,5%), Natal (16%), Recife (10,9%) e Maceió (11,2%), juntas, respondem por 82,3% da capacidade instalada em 2004 nas capitais nordestinas, quando em 1996 a participação dessas capitais era de 79,5%. Embora tenha ocorrido uma maior concentração, verifica-se que tal fato ocorreu com perdas relativas das capitais Salvador e Recife, cujas participações caíram de 27,2% para 22,7% e de 12,3% para 10,9%, respectivamente.

Outro indicador relevante para medir o desempenho e a eficácia do turismo num determinado destino, trata-se do grau de utilização da capacidade instalada, isto é, da taxa de ocupação hoteleira. Neste sentido, o Quadro 20 e as figuras a seguir, mostram o comportamento dessas taxas na hotelaria das capitais do Nordeste, no período de 1996/2004.

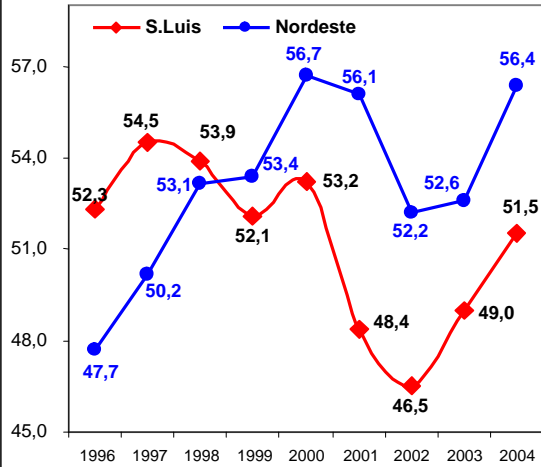
**Quadro 20**  
**Evolução das Taxas de Ocupação na Hotelaria das Capitais do Nordeste (%): 1996-2004**

Anos	Capitais do Nordeste									NE
	Salvador	Fortaleza	Natal	Recife	São Luis	J.Pessoa	Maceió	Teresina	Aracaju	
1996	49,6	47,1	47,9	45,5	52,3	54,9	50,5	34,2	47,4	47,7
1997	50,2	51,3	48,4	55,0	54,5	56,0	45,4	35,0	55,7	50,2
1998	51,9	59,4	51,3	57,7	53,9	57,0	56,5	37,2	53,4	53,1
1999	59,6	57,5	51,0	61,1	52,1	52,2	64,7	35,5	46,6	53,4
2000	65,6	58,7	52,6	64,2	53,2	56,7	69,2	39,7	50,2	56,7
2001	61,9	57,7	49,5	65,2	48,4	55,0	68,5	44,0	54,4	56,1
2002	54,4	52,0	46,6	64,5	46,5	56,7	57,0	38,7	53,3	52,2
2003	62,3	51,6	49,1	62,6	49,0	51,5	54,3	37,1	55,8	52,6
2004	66,4	59,3	56,1	62,0	51,5	56,3	62,2	39,9	53,7	56,4

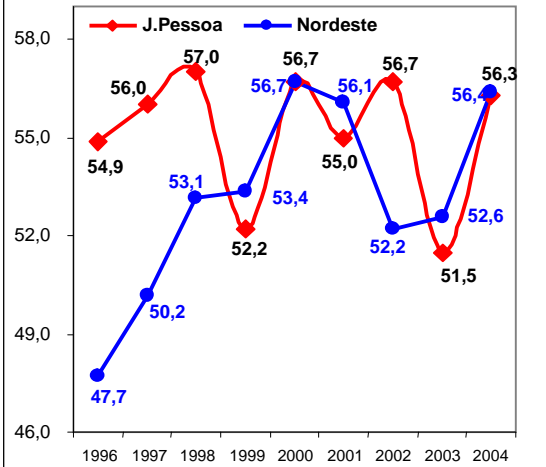
Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste



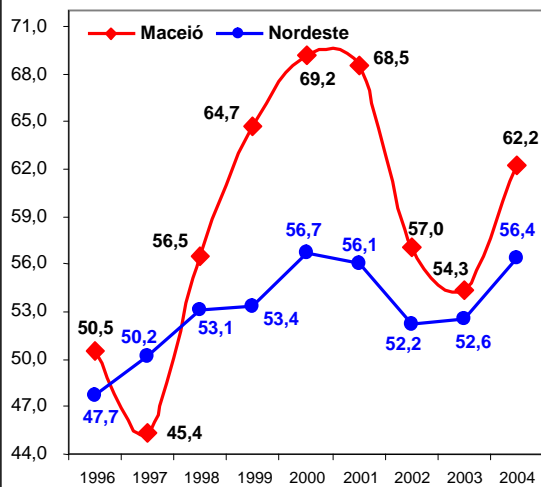
**Figura 26 - Evolução da Taxa de Ocupação Hoteleira de São Luis e Nordeste - 1996/04**



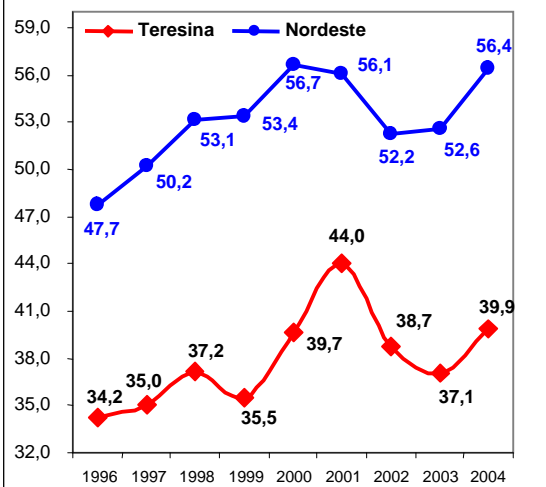
**Figura 27 - Evolução da Taxa de Ocupação Hoteleira de João Pessoa e Nordeste - 1996/04**



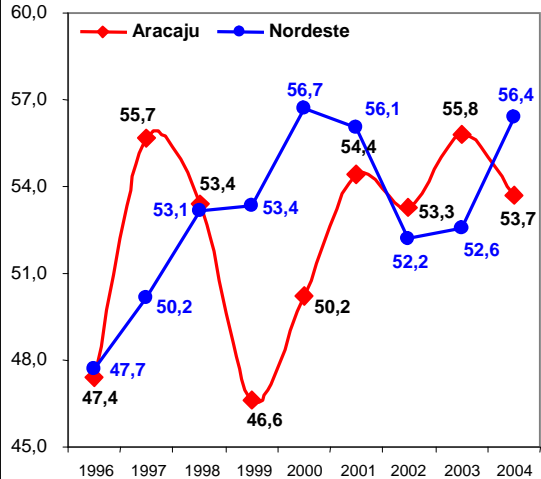
**Figura 28 - Evolução da Taxa de Ocupação Hoteleira de Maceió e Nordeste - 1996/04**



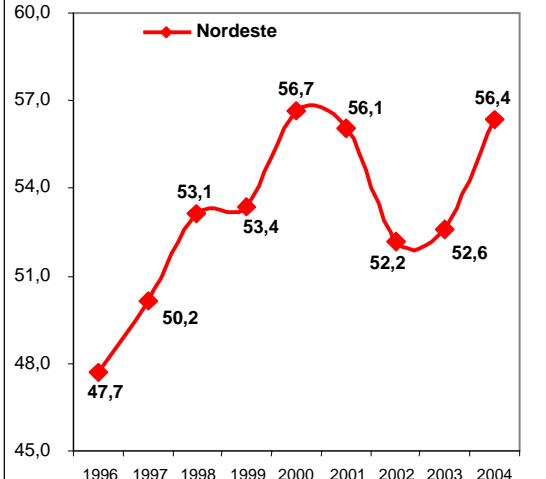
**Figura 29 - Evolução da Taxa de Ocupação Hoteleira de Teresina e Nordeste - 1996/04**



**Figura 30 - Evolução da Taxa de Ocupação Hoteleira de Aracaju e Nordeste - 1996/04**



**Figura 31 - Evolução da Taxa de Ocupação Hoteleira do Nordeste - 1996/04**



## 4. EMPREGO NAS ATIVIDADES TURÍSTICAS

A determinação do nível de emprego gerado pelo turismo é uma tarefa bastante complexa. Além da questão da informalidade, que escapa as estatísticas oficiais das organizações públicas, ligadas ao mercado de trabalho, pelo menos dois outros fatores dificultam consideravelmente sua mensuração: a sazonalidade da demanda turística (alta, média e baixa estação) e a inexistência de um setor exclusivamente turístico, pois as atividades econômicas não são divididas entre as que produzem para os *turistas* e as que produzem para os *não turistas*. Na verdade, por mais dependente que seja uma economia do turismo, sua contribuição será sempre de natureza complementar no atendimento às necessidades e exigências da população de determinado destino turístico.

### 4.1. Emprego nas atividades características

No tocante à questão do emprego no turismo no nordeste, serão analisados os níveis de empregos formais nas atividades características do turismo, conforme o Quadro a seguir.

Quadro 21  
Empregos nas Principais Atividades Características do Turismo no Nordeste

Segmentos	Nordeste		Var (%)	Brasil		Var (%)	Relação N/B	
	1994	2003		1994	2003		1994	2003
. Alojamento	26.617	48.906	83,7	161.835	211.371	30,6	16,4	23,1
. Alimentação	33.518	96.840	188,9	380.489	740.583	94,6	8,8	13,1
. Agências	2.919	5.456	86,9	29.478	39.929	35,5	9,9	13,7
. Transporte Aéreo	2.405	2.525	5,0	52.673	36.993	-29,8	4,6	6,8
. Transporte Rodoviário	77.474	25.385	-67,2	495.462	163.644	-67,0	15,6	15,5
. Atividade Recreativa	24.987	31.532	26,2	211.922	274.478	29,5	11,8	11,5
. Locadoras de Veículos	975	4.919	404,5	3.168	19.668	620,8	30,8	25,0
<b>Total Geral</b>	<b>168.895</b>	<b>215.563</b>	<b>27,6</b>	<b>1.335.027</b>	<b>1.486.666</b>	<b>11,4</b>	<b>12,7</b>	<b>14,5</b>

Fonte: MTE (RAIS)

Como pode ser observado, o crescimento no nível de emprego nas atividades características do turismo no Nordeste (27,6%) foi superior ao observado no Brasil (11,3%), no período 1994/2003. As atividades onde o nível de emprego formal mais cresceu foram nas locadora (404,5%), alimentação (188,9%) e alojamento (83,7%).

Nota-se que o crescimento nos níveis de empregos nas atividades alojamento e alimentação no Nordeste foi superior ao ocorrido nestas atividades para o Brasil.

Considerando que a informalidade no Nordeste não seja significativamente inferior ao restante do país, o desempenho no nível de emprego verificado nas atividades de alojamento e alimentação confronta-se, de certa forma, com o baixo desempenho dessas atividades na geração do PIB estaduais e setoriais, conforme analisado anteriormente.

## 4.2. Empregabilidade

O Quadro 22 apresenta as variações nos índices de empregabilidade nas atividades características do turismo nos extremos do período 1994/2003.

**Quadro 22**  
**Número de Empregos por Estabelecimentos nas Principais Atividades**  
**Características do Turismo no Nordeste**

Segmentos	Nordeste		Var (%)	Brasil		Var (%)
	1994	2003		1994	2003	
. Alojamento	14	7	-46,9	13	7	-47,4
. Alimentação	7	3	-53,7	6	2	-63,3
. Agências	5	2	-67,9	6	2	-64,1
. Transporte Aéreo	27	11	-58,7	57	22	-62,0
. Transporte Rodoviário	132	7	-95,0	117	5	-95,5
. Atividade Recreativa	13	3	-81,2	12	3	-76,2
. Locadora	16	2	-86,2	1	3	181,2
<b>Total Geral</b>	<b>214</b>	<b>35</b>	<b>-83,9</b>	<b>213</b>	<b>44</b>	<b>-79,4</b>

Fonte: MTE (RAIS)

Ressalta-se que todas as atividades reduziram o nível de empregabilidade, provavelmente por conta da informalidade. A propósito, a redução na empregabilidade por estabelecimento no Nordeste (-79,4%) é praticamente a mesma praticada no Brasil (-83,9%).

## 5.AUMENTO DO PIB PERCAPTA E RELAÇÃO BENEFÍCIO/CUSTO

### 5.1. Contribuição do Nordeste na geração do PIB e variações na renda percapita

O Quadro 23 mostra a contribuição de cada estado do Nordeste na formação do PIB do Brasil, considerando os extremos do período 1996/2004. Constatou-se que os estados com maior representatividade são Bahia, Pernambuco e Ceará. Já os estados que elevaram sua contribuição na geração do PIB do país foram Sergipe, Rio Grande do Norte, Bahia, Paraíba, Alagoas e Maranhão. Os estados do Ceará, Piauí e Pernambuco reduziram suas parcelas de contribuição. No agregado, a contribuição do Nordeste no PIB do país cresceu de 13,17% para 13,62%.

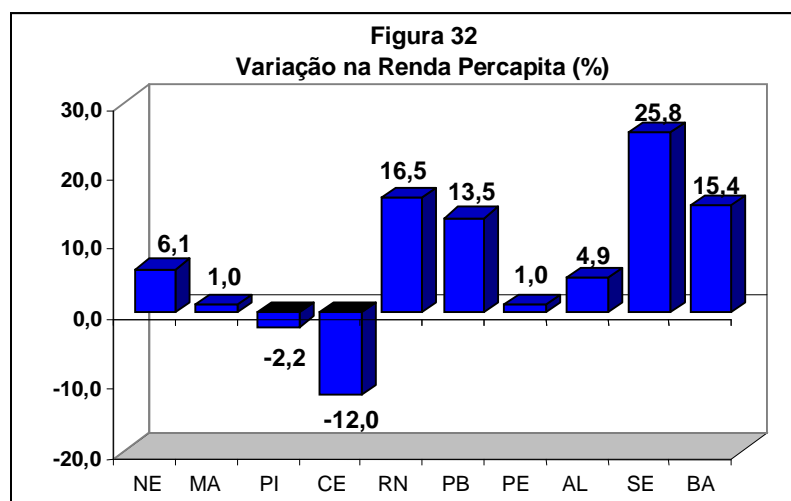
**Quadro 23**  
**População Residente e Produto Interno Bruto do Nordeste do Brasil: 1996-2004**

Unidades da Federação	1996						2004						Variação na Participação (%)		
	População Hab.	%	PIB US\$ milhões	%	PIB percapita	%	População Hab.	%	PIB US\$	%	PIB percapita	%	Pop	PIB	PIB Percapita
<b>Nordeste</b>	<b>44.766.851</b>	<b>28,50</b>	<b>102.597</b>	<b>13,17</b>	<b>2.291,81</b>	<b>46,22</b>	<b>50.427.274</b>	<b>27,77</b>	<b>82.110</b>	<b>13,62</b>	<b>1.628,28</b>	<b>49,04</b>	<b>12,6</b>	<b>-20,0</b>	<b>-29,0</b>
Maranhão	5.222.183	3,32	6.873	0,88	1.316,12	26,54	6.021.504	3,32	5.358	0,89	889,87	26,80	15,3	-22,0	-32,4
Piauí	2.673.085	1,70	3.902	0,50	1.459,74	29,44	2.977.259	1,64	2.847	0,47	956,17	28,80	11,4	-27,0	-34,5
Ceará	6.809.290	4,34	15.641	2,01	2.297,01	46,32	7.976.563	4,39	10.798	1,79	1.353,75	40,77	17,1	-31,0	-41,1
Rio G. Norte	2.558.660	1,63	5.876	0,75	2.296,51	46,31	2.962.107	1,63	5.307	0,88	1.791,57	53,95	15,8	-9,7	-22,0
Paraíba	3.305.616	2,10	6.549	0,84	1.981,17	39,95	3.568.350	1,97	5.373	0,89	1.505,65	45,34	7,9	-18,0	-24,0
Pernambuco	7.399.071	4,71	21.391	2,75	2.891,04	58,30	8.323.911	4,58	16.276	2,70	1.955,30	58,89	12,5	-23,9	-32,4
Alagoas	2.633.251	1,68	5.072	0,65	1.926,14	38,84	2.980.910	1,64	4.033	0,67	1.352,86	40,74	13,2	-20,5	-29,8
Sergipe	1.624.020	1,03	4.304	0,55	2.650,21	53,44	1.934.596	1,07	4.319	0,72	2.232,39	67,23	19,1	0,3	-15,8
Bahia	12.541.675	7,98	32.990	4,24	2.630,43	53,05	13.682.074	7,53	27.799	4,61	2.031,81	61,19	9,1	-15,7	-22,8
<b>Brasil</b>	<b>157.070.163</b>	<b>100,00</b>	<b>778.886</b>	<b>100,00</b>	<b>4.958,84</b>	<b>100,00</b>	<b>181.581.024</b>	<b>100,00</b>	<b>602.942</b>	<b>100,00</b>	<b>3.320,51</b>	<b>100,00</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: IBGE e Órgãos Oficiais de Estatísticas dos Estados do Nordeste.

Nota: a) Valores cambiais do dólar (1996=R\$ 1,00 e 2004 = R\$ 2,93); b) valores do PIB de 2004 (dados preliminares) com base em informações obtidas junto aos órgãos de estatísticas dos estados.

No tocante às variações na renda percapita, observa-se uma melhoria relativa da região em termo da renda percapita do Brasil. No universo dos estados nordestinos, as mudanças observadas no período analisado são semelhantes às verificadas quanto às contribuições dos estados na formação do PIB do país, com exceção do estado de Pernambuco, quando verificou-se uma melhoria relativa na renda percapita, não obstante a queda no parâmetro de contribuição no PIB. A Figura 32 sumariza as alterações ocorridas no âmbito regional.



Considerando, mais uma vez, o expressivo crescimento do turismo, em termos de fluxo e de receita gerada, conseqüentemente de seu impacto no PIB da região, é muito provável que o turismo tenha contribuído significativamente para a melhoria dos indicadores aqui analisados, contudo, é, no mínimo estranho o desempenho do Ceará vis a vis o seu desempenho no turismo. A explicação talvez possa ser atribuída ao grau de vulnerabilidade da economia cearense aos fatores climáticos (estiagens), bem como face ao maior crescimento demográfico apresentado no período. Vale lembrar que o Ceará foi o único estado que apresentou um desempenho positivo no setor alojamento e alimentação na região (veja quadro 18). Com efeito, pode-se levantar a hipótese de que a situação poderia ter sido mais agravante para o Ceará, caso não existisse o PRODETUR.

## 5.2. Relação benefício/custo aparente

Para analisar globalmente os efeitos do PRODETUR/NE I, optou-se em estimar, grosso modo, a relação média benefício/custo do programa. Para tanto, considera-se como benefícios o somatório das receitas turísticas anuais no período 1996/2004, descontada em cada ano a receita de 1996, e como custo o valor dos investimentos do PRODETUR/NE I.

**Quadro 24**  
**Relação Benefícios/Custos Aparente – Média 1996/2004**

Itens	Valores
1. Total das receitas turísticas no período 1996/2004 (US\$ milhões)	29.962
2. Receita turística em 1996 (US\$ milhões)	2.702
3. Benefícios (US\$ milhões)	5.646
4. Investimentos no PRODETUR/NE I (US\$ milhões)	626
5. Relação Média B/C (3):(4)	9,0

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste

Obs: Os benefícios foram obtidos pela diferença entre o total das receitas no período 1996/04 e o valor da receita de 1995 multiplicado por nove.

De acordo com o Quadro 24, os benefícios líquidos somaram US\$ 5.646 milhões, resultando numa *relação média benefício/custo aparente* da ordem de 9,0. Vale dizer, em outras palavras, que a cada Dólar aplicado pelo PRODETUR correspondeu um benefício médio aparente de US\$ 9,0. É óbvio que os benefícios decorrem também deve-se aos demais investimentos (públicos e privados) efetuados no período.

## 6. EFEITOS FUTUROS E IMPACTOS

### 6.1. Modelagem

Considerando que os principais mercados emissores potenciais para o Nordeste estão situados em áreas que distam a mais de 2 mil quilômetros, sendo o avião o meio de transporte mais utilizado pelos turistas para a região, inclusive pelo fluxo turístico entre os estados da própria região, optou-se, como técnica de projeção, pelo processo da modelagem de cenário, baseado em pressupostos e suposições focados nas evidências empíricas recentes, tendo como pano de fundo o período 1996/2004. Em outras palavras, julgou-se que os modelos econométricos de análise de regressão ou tendencial não seriam os mais adequadas face as seguintes restrições:

- a) as séries históricas sobre os agregados turísticos são disponíveis somente a partir de 1996; e
- b) o crescimento do turismo na região depende fortemente do transporte aéreo, conseqüentemente da capacidade instalada nos aeroportos das capitais, principalmente. Ademais, essa questão foi abordada de forma planejada e em conjunto somente a partir de 1995 através do PRODETUR I, cujos investimentos nos aeroportos se efetivaram, de fato, no período 1998/2002, de forma que a capacidade instalada nos aeroportos das capitais nordestinas saltou de 7,55 milhões para 8,50 milhões de pax/ano, registrando um aumento de 125,8%.

**Quadro 25**  
**Evolução da Capacidade Instalada nos Aeroportos das Capitais do Nordeste**

UF	Descrição	Capacidade (Milhões Pax/Ano)		
		Situação em 1996	Atual em 2004	Projetada para 2020
CE	Aeroporto de Fortaleza	0,95	2,50	5,00
MA	Aeroporto de São Luís	0,60	1,00	2,00
BA	Aeroporto de Salvador	2,00	6,00	6,00
PE	Aeroporto de Recife	1,50	5,00	5,00
RN	Aeroporto de Natal	0,50	1,20	1,20
SE	Aeroporto de Aracaju	0,50	0,80	0,80
AL	Aeroporto de Maceió	0,50	1,00	1,00
PI	Aeroporto de Teresina/Parnaíba	0,50	0,50	1,20
PB	Aeroporto de João Pessoa	0,50	0,50	1,00
<b>TOTAL</b>		<b>7,55</b>	<b>18,50</b>	<b>23,20</b>

Fonte: GTP/CTI-NE e PDITS e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste

Desta forma, o Quadro 26 apresenta os parâmetros referenciais utilizados como instrumentos modeladores para as projeções que serão processadas no horizonte de tempo estendido até o ano 2020.

**Quadro 26**  
**Parâmetros modeladores das projeções para 2020**

Denominação	Valor	Observações
1. Aumento na capacidade instalada nos aeroportos (milhões de pax/ano).	4,7	Ampliação dos Aeroportos: Fortaleza (2,5 milhões pax/ano), São Luís (1,0 milhão pax/ano) e Teresina/Parnaíba (0,7 milhão pax/ano), João Pessoa (0,5 pax/ano), perfazendo um aumento total de 4,7 milhões de pax/ano nos aeroportos nas capitais para 2020 (Quadro 25). O que exigirá um investimento em torno de US\$ 310 milhões.
2. Relação entre capacidade instalada nos aeroportos das capitais e o fluxo turístico em 2020.	1,50	Relação observada em 1996 antes da ampliação dos aeroportos das capitais, ocorrida a partir do PRODETUR I. Em 2004 essa relação era de 1,73. Essa relação utilizada para estimar o fluxo turístico nas capitais em 2020.
3. Fator de expansão do fluxo turísticos nas capitais para os estados do Nordeste.	2,0	A média em 1996 era de 1,7, o crescimento para 2,0 é atribuída ao fato de que ocorrerá a consolidação e o surgimento de novos destinos turísticos além das capitais, ou seja, no interior dos estados. Esse fator será utilizado para obter o fluxo turístico dos estados a partir do fluxo das capitais em 2020.
4. Participação do fluxo turístico de origem internacional no total do fluxo em 2020 (%).	15,0	Em 2004, esse percentual era de 8,2 %.
5. Relação média de turistas por UHs (apartamento) na rede hoteleira das capitais.	332	Relação marginal turista/UH observada entre 1996/2004, ou seja, relação entre o aumento no fluxo turístico e o aumento na capacidade instalada da rede hoteleira nas capitais.
6. Gasto médio percapita do turista na região em 2020 (em US\$ de 2004).	265,71	Em 2004, o gasto percapita foi de 245,92, sendo o gasto percapita dos turistas de origem nacional de US\$ 222,05 e de US\$ 513,14 para os turistas de origem internacional. O aumento em relação a 2004 deve-se ao suposto crescimento da componente do fluxo de origem internacional.
7. Multiplicador médio dos gastos turísticos em 2020.	1,92	Média ponderada com base nos multiplicadores de acordo com a EMBRATUR (1999) pelos respectivos componentes do fluxo admitidos para 2020.
8. Taxa real do crescimento anual do PIB do Brasil para o período 2004/2020 (%).	3,0	Média aritmética observada no período 1996/2004 igual a 2,90 %
9. Participação do PIB do Nordeste no PIB do Brasil em 2020 (%).	14,5	No período 1996/2004, a participação variou entre 13,05 % (1998) e 13,73 % (2004), sendo a média no período de 13,27 %. Adotou-se a taxa de variação observada entre os extremos de 5,81% que, aplicada sobre o maior valor observado (13,73%), resultou na participação de 14,5 %. Esse parâmetro será utilizado para estimar o PIB do Nordeste em 2020.
10. Taxa anual de crescimento da população para o período de 2004/2020 (%).	1,3	Segundo o IBGE, a taxa anual de crescimento da população tem diminuído ao longo do tempo. No período 1996/04 foi de 1,48%.

## 6.2. Previsões

O Quadro 27 apresenta as projeções dos principais agregados turísticos para o ano 2020, tendo como base os parâmetros estabelecidos nos Quadro 26. A propósito, é oportuno destacar os seguintes resultados:

- a) O fluxo turístico nas capitais do Nordeste, obtido pela relação entre as capacidade instalada nos aeroportos das capitais projetada para 2020 (23,2 milhões pax/ano) e a média de turistas por pax/ano (1,50), será de 15,5 milhões de turistas em 2020;
- b) O fluxo turístico para os estados do Nordeste, em 2020, será de 30,9 milhões de turistas, registrando um aumento de 74,0% em relação a 2004. O fluxo de origem internacional será de 4,6 milhões de turistas, registrando um aumento de 196,6% em relação a 2004;

**Quadro 27**  
**Cenários dos Agregados Turísticos do Nordeste – 2004/20**

Agregados	Valores		Variações(%)	
	2004	2020	Total	Anual
1. Capacidades nos Aeroportos das Capitais (milhões Pax/Ano)	18,5	23,2	25,4	1,4
1. Fluxo Turístico nas Capitais (1000)	10.596	15.467	46,0	2,4
. Nacional	9.664	13.147	36,0	1,9
. Internacional	932	2.320	148,8	5,9
2. Fluxo Turístico nos Estados (1000)	17.778	30.933	74,0	3,5
. Nacional	16.214	26.293	62,2	3,1
. Internacional	1.564	4.640	196,6	7,0
3. Oferta Hoteleira nas Capitais (Uhs)	47.686	62.540	31,1	1,7
4. Gasto Percapita (US\$ de 2004)	238,92	265,71	11,2	0,7
5. Receita Turística (US\$ milhões de 2004)	4.372	8.219	88,0	4,0
6. Renda Gerada (US\$ milhões de 2004)	8.044	15.781	96,2	4,3
7. PIB do Nordeste (US\$ milhões de 2004)	82.110	131.376	60,0	3,0
8. Impacto no PIB do Nordeste (%)	10,6	12,0	13,3	0,8
9. População do Nordeste (1000)	50.427	62.025	23,0	1,3
10. Renda Percapita (US\$ de 2004)	1.628	2.118	30,1	1,7

- c) A oferta hoteleira nas capitais do Nordeste, em 2020, será de 62.540 Uhs, registrando um aumento de 14.854 Uhs, ou seja, de 31,1% em relação a 2004; e
- d) A receita turística (direta) em 2020 (US\$ de 2004) será de US\$ 8,2 bilhões, impactando a economia Nordestina, através do efeito multiplicador, no equivalente a 12,0% do PIB da região.

### 6.3. Desafios e Expectativas

Conforme foi mencionado anteriormente, as expectativas de crescimento do Nordeste depende fortemente da capacidade instalada dos aeroportos na região. É óbvio que o processo de desenvolvimento do turismo na região também depende de outros fatores, fundamentalmente do seu potencial turístico, de seus recursos humanos e dos investimentos na qualificação dos destinos e produtos turísticos e, primordialmente, de uma política de promoção e de comercialização nos mercados turísticos emissores potenciais.

O PRODETUR é sem dúvida um instrumento alimentador neste processo de desenvolvimento, todavia, insuficientemente para viabilizar o crescimento e as expectativas estabelecidas anteriormente. Neste sentido, além do uso racional dos recursos públicos alocados ao turismo, depende da capacidade de investimentos do setor privado, tanto na ampliação da oferta como na atração da demanda turística agregada.

Ademais, as condições de natureza macroeconômica e sociais do país e mundial são restrições e molduradoras dos cenários estabelecidos. No contexto nacional, por exemplo, o ritmo de crescimento da economia e, conseqüentemente do processo de desenvolvimento do turismo da região, em particular, estão condicionados às políticas de combate à inflação (com âncoras nas elevadas taxas reais de juros) e da política adotada para a dívida pública (fundada na criação forçada de superávits primários em percentuais superiores a 4,0% do PIB) estabelecendo, assim, no curto prazo, um nítido *trade off* entre investimentos públicos (infra-estrutura e serviços públicos) e o financiamento/pagamento da dívida pública, limitando fortemente a capacidade de crescimento da economia e no atendimento as demandas sociais.

Embora o turismo, potencialmente, possa contribuir para alargar os horizontes de crescimento e desenvolvimento da economia do Nordeste, depende das condições e restrições estabelecidas no ambiente interno e externo da região e do país nos mercados turísticos emissores potenciais.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, é oportuno mais uma vez ressaltar que a ausência de um sistema de informações turísticas, alimentado por um programa de pesquisas integrado e de forma sistemática nos estados e na região como um todo, impossibilitou que a análise fosse mais aprofundada no âmbito dos destinos turísticos da região. Ademais, a inexistência de um sistema de monitoramento dos recursos aplicados pelo PRODETUR I, dificultou, na análise, a mensuração dos efeitos e dos impactos específicos do Programa no Turismo da Região.

Não obstante, as evidências reveladas através das séries históricas dos principais agregados turísticos, a partir das capitais (principais destinos turísticos da região), ficou demonstrada uma quase que perfeita sincronização entre a evolução dos agregados turísticos e os investimentos realizados pelo PRODETUR I, haja vista a relação entre fluxo turístico e desembarques de passageiros nas capitais do Nordeste.

Contudo, ficou ainda evidenciada a importância e a dinâmica que o turismo imprimiu na região Nordeste no período 1996/2004, seja no tocante a representatividade da renda gerada em termos do PIB, seja na geração de empregos pelas atividades características do turismo na região.

Destaque-se, ainda, a evolução do posicionamento do Nordeste no mercado turístico internacional (receptor), notadamente quanto as cidades (destinos) de Salvador, Fortaleza, Recife e Natal.

Finalmente, a expectativa é no sentido de que o turismo possa continuar crescendo e que o PRODETUR, certamente, continuará sendo um instrumento indispensável para a sua viabilização e para o processo de desenvolvimento da região.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

OMT - *Conta Satélite do Turismo (CST): Quadro conceptual*, Madrid: OMT, 1999.

\_\_\_\_\_ - [www.world-tourism.org](http://www.world-tourism.org)

IBGE - *Contas Regionais do Brasil – 1985/97*, in *Contas Nacionais*, nº 3, Rio de Janeiro: 1999.

\_\_\_\_\_ - [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

EMBRATUR - *Conta Satélite do Turismo do Brasil -1999*, in [www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br)

\_\_\_\_\_ - *Estudos da Demanda Turística Internacional*, Brasília, EMBRATUR, vários anos.

\_\_\_\_\_ - *Caracterização e dimensionamento do mercado doméstico do turismo no Brasil – 1998*, Brasília: EMBRATUR, 1999.

\_\_\_\_\_ - *Estudo sobre o turismo doméstico no Brasil – 2001*, Brasília: Embratur 2002

\_\_\_\_\_ - [www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br)

CTI - NE - *Estatísticas sobre Demanda Turística dos Estados do Nordeste 1996/2002 Recife: CTI –NE,CD-Room, 2003.*

BNB - *Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável no Nordeste (PDITS)*, PRODETUR I (Estados do Nordeste, 2003/2004.

SETUR/CE - [www.turismo.ce.gov.br](http://www.turismo.ce.gov.br)

TELES, J.A. - *Considerações sobre os mercados emissores potenciais para o Ceará*, Fortaleza: SETUR/CE, Estudos Turísticos nº 17, 2005.

## SIGLAS

SETUR/CE	Secretaria do Turismo do Estado do Ceará
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PRODETUR/NE	Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
CTI - NE	Comissão do Turismo Integrado no Nordeste
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
PDTIS	Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
GTP	Grupo Técnico de Planejamento

# ANEXOS

**Tabela 1**  
**Fluxo Turístico do Nordeste: 1996-2004**

Capitais	Em 1000 Turistas																	
	1996		1997		1998		1999		2000		2001		2002		2003		2004	
	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado	Capital	Estado
. Salvador	1.633	2.880	1.724	3.041	1.689	3.753	1.817	4.037	1.886	4.150	1.915	4.137	2.064	4.427	2.193	4.709	2.412	5.180
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>105,6</b>	<b>105,6</b>	<b>103,4</b>	<b>130,3</b>	<b>111,3</b>	<b>140,2</b>	<b>115,5</b>	<b>144,1</b>	<b>117,3</b>	<b>143,6</b>	<b>126,4</b>	<b>153,7</b>	<b>134,3</b>	<b>163,5</b>	<b>147,7</b>	<b>179,8</b>
. Recife	864	1.330	944	1.574	1.287	1.904	1.447	2.311	1.591	2.654	1.930	3.217	1.966	3.277	1.984	3.313	2.009	3.352
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>109,3</b>	<b>118,3</b>	<b>149,0</b>	<b>143,2</b>	<b>167,5</b>	<b>173,8</b>	<b>184,1</b>	<b>199,5</b>	<b>223,4</b>	<b>241,9</b>	<b>227,5</b>	<b>246,4</b>	<b>229,6</b>	<b>249,1</b>	<b>232,6</b>	<b>252,0</b>
. Fortaleza	773	989	970	1.241	1.298	1.578	1.388	1.752	1.508	2.000	1.631	2.947	1.629	2.685	1.551	2.396	1.784	2.806
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>125,5</b>	<b>125,5</b>	<b>167,9</b>	<b>159,6</b>	<b>179,6</b>	<b>177,2</b>	<b>195,1</b>	<b>202,2</b>	<b>211,0</b>	<b>298,0</b>	<b>210,8</b>	<b>271,5</b>	<b>200,6</b>	<b>242,3</b>	<b>230,8</b>	<b>283,7</b>
. Natal	471	563	716	857	881	1.052	917	1.142	1.008	1.280	1.089	1.420	1.000	1.424	1.007	1.452	1.202	1.783
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>152,0</b>	<b>152,2</b>	<b>187,0</b>	<b>186,9</b>	<b>194,7</b>	<b>202,8</b>	<b>214,0</b>	<b>227,4</b>	<b>231,2</b>	<b>252,2</b>	<b>212,3</b>	<b>252,9</b>	<b>213,8</b>	<b>257,9</b>	<b>255,2</b>	<b>316,7</b>
. Maceió	275	495	402	724	516	929	595	1.071	613	1.015	834	1.251	890	1.334	1.013	1.519	952	1.428
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>146,2</b>	<b>146,2</b>	<b>187,6</b>	<b>187,6</b>	<b>216,4</b>	<b>216,4</b>	<b>222,9</b>	<b>205,1</b>	<b>303,3</b>	<b>252,7</b>	<b>323,6</b>	<b>269,5</b>	<b>368,4</b>	<b>306,9</b>	<b>346,2</b>	<b>288,5</b>
. São Luís	355	604	357	607	494	841	449	764	409	696	431	733	494	840	642	1.092	844	1.013
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,6</b>	<b>100,5</b>	<b>139,2</b>	<b>139,2</b>	<b>126,5</b>	<b>126,5</b>	<b>115,2</b>	<b>115,2</b>	<b>121,4</b>	<b>121,4</b>	<b>139,2</b>	<b>139,1</b>	<b>180,8</b>	<b>180,8</b>	<b>237,7</b>	<b>167,7</b>
. Aracaju	185	320	127	218	221	382	221	383	236	409	318	551	334	578	304	526	452	783
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>68,6</b>	<b>68,1</b>	<b>119,5</b>	<b>119,4</b>	<b>119,5</b>	<b>119,7</b>	<b>127,6</b>	<b>127,8</b>	<b>171,9</b>	<b>172,2</b>	<b>180,3</b>	<b>180,6</b>	<b>164,1</b>	<b>164,4</b>	<b>244,2</b>	<b>244,7</b>
. João Pessoa	400	560	388	521	562	756	452	633	550	762	595	833	643	909	538	759	668	949
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>97,0</b>	<b>93,0</b>	<b>140,5</b>	<b>135,0</b>	<b>113,0</b>	<b>113,0</b>	<b>137,5</b>	<b>136,1</b>	<b>148,8</b>	<b>148,8</b>	<b>160,8</b>	<b>162,3</b>	<b>134,5</b>	<b>135,5</b>	<b>167,0</b>	<b>169,5</b>
. Teresina	81	108	92	123	182	280	201	310	325	500	390	600	403	621	323	498	272	484
Índice (%)	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>113,6</b>	<b>113,6</b>	<b>224,7</b>	<b>258,6</b>	<b>248,1</b>	<b>286,3</b>	<b>401,2</b>	<b>461,7</b>	<b>481,5</b>	<b>554,0</b>	<b>497,8</b>	<b>573,1</b>	<b>399,2</b>	<b>459,5</b>	<b>336,2</b>	<b>447,1</b>
<b>Total</b>	<b>5.037</b>	<b>7.850</b>	<b>5.720</b>	<b>8.906</b>	<b>7.130</b>	<b>11.474</b>	<b>7.487</b>	<b>12.403</b>	<b>8.126</b>	<b>13.466</b>	<b>9.133</b>	<b>15.689</b>	<b>9.423</b>	<b>16.095</b>	<b>9.555</b>	<b>16.263</b>	<b>10.596</b>	<b>17.777</b>
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>113,6</b>	<b>113,5</b>	<b>141,6</b>	<b>146,2</b>	<b>148,6</b>	<b>158,0</b>	<b>161,3</b>	<b>171,5</b>	<b>181,3</b>	<b>199,9</b>	<b>187,1</b>	<b>205,0</b>	<b>189,7</b>	<b>207,2</b>	<b>210,4</b>	<b>226,5</b>

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS.

**Tabela 2**  
**Desembarques nos Aeroportos das Capitais do Nordeste – 1996/04**

Capitais	Desembarques									Var 1996/04	
	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	Período	Anual
. Salvador	681.894	815.680	1.038.324	1.045.332	1.165.613	1.298.240	1.346.784	1.569.264	1.949.221	185,9	14,0
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>119,6</b>	<b>152,3</b>	<b>153,3</b>	<b>170,9</b>	<b>190,4</b>	<b>197,5</b>	<b>230,1</b>	<b>285,9</b>		
. Recife	805.905	886.365	1.134.416	1.124.294	1.133.598	1.261.783	1.309.789	1.190.826	1.433.045	77,8	7,5
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>110,0</b>	<b>140,8</b>	<b>139,5</b>	<b>140,7</b>	<b>156,6</b>	<b>162,5</b>	<b>147,8</b>	<b>177,8</b>		
. Fortaleza	594.553	656.897	844.478	826.227	927.097	1.036.968	1.017.146	907.513	1.119.109	88,2	8,2
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>110,5</b>	<b>142,0</b>	<b>139,0</b>	<b>155,9</b>	<b>174,4</b>	<b>171,1</b>	<b>152,6</b>	<b>188,2</b>		
. Natal	269.238	299.330	367.139	417.172	447.311	475.924	469.322	431.691	554.634	106,0	9,5
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>111,2</b>	<b>136,4</b>	<b>154,9</b>	<b>166,1</b>	<b>176,8</b>	<b>174,3</b>	<b>160,3</b>	<b>206,0</b>		
. Maceió	208.845	201.245	253.233	287.160	307.020	307.073	280.884	265.860	323.117	54,7	5,6
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>96,4</b>	<b>121,3</b>	<b>137,5</b>	<b>147,0</b>	<b>147,0</b>	<b>134,5</b>	<b>127,3</b>	<b>154,7</b>		
. São Luís	107.481	108.813	139.334	129.039	129.857	151.377	144.785	193.885	254.943	137,2	11,4
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>101,2</b>	<b>129,6</b>	<b>120,1</b>	<b>120,8</b>	<b>140,8</b>	<b>134,7</b>	<b>180,4</b>	<b>237,2</b>		
. Aracaju	111.720	120.454	146.273	136.031	149.449	169.972	174.167	150.392	155.925	39,6	4,3
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>107,8</b>	<b>130,9</b>	<b>121,8</b>	<b>133,8</b>	<b>152,1</b>	<b>155,9</b>	<b>134,6</b>	<b>139,6</b>		
. J.Pessoa	81.692	82.325	93.906	96.472	126.502	139.496	128.909	121.042	114.396	40,0	4,3
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>100,8</b>	<b>115,0</b>	<b>118,1</b>	<b>154,9</b>	<b>170,8</b>	<b>157,8</b>	<b>148,2</b>	<b>140,0</b>		
. Teresina	88.278	100.062	121.911	113.523	123.036	135.647	130.928	104.985	121.043	37,1	4,0
<b>Índice (%)</b>	<b>100,0</b>	<b>113,3</b>	<b>138,1</b>	<b>128,6</b>	<b>139,4</b>	<b>153,7</b>	<b>148,3</b>	<b>118,9</b>	<b>137,1</b>		
<b>Capitais</b>	<b>2.950.406</b>	<b>3.272.028</b>	<b>4.140.082</b>	<b>4.176.334</b>	<b>4.510.673</b>	<b>4.977.789</b>	<b>5.004.002</b>	<b>4.936.739</b>	<b>6.026.962</b>	<b>104,3</b>	<b>9,3</b>
<b>Brasil (milhões)</b>	<b>24,4</b>	<b>26,8</b>	<b>32,0</b>	<b>31,7</b>	<b>33,7</b>	<b>37,6</b>	<b>37,6</b>	<b>36,1</b>	<b>42,7</b>	<b>75,0</b>	<b>7,2</b>
<b>Capitais/Brasil</b>	<b>12,1</b>	<b>12,2</b>	<b>12,9</b>	<b>13,2</b>	<b>13,4</b>	<b>13,2</b>	<b>13,3</b>	<b>13,7</b>	<b>14,1</b>	<b>16,7</b>	<b>2,0</b>

Fonte: INFRAERO

**Tabela 3**  
**Aeroportos das Capitais do Nordeste Beneficiados pelo PRODETUR I**

Uf	Descrição	Capacidade (Milhões Pax/Ano)		
		Situação Anterior	Com o Prodetur I	Ano Da Ampliação
CE	Aeroporto Pinto Martins	0,95	2,5	1998
MA	Aeroporto Cunha Machado	0,60	1,0	1998
BA	Aeroporto Luís Eduardo Magalhães	2,00	6,0	2002
PE	Aeroporto dos Guararapes (*)	1,50	1,5	2001
RN	Aeroporto Augusto Severo	0,50	1,2	1998
SE	Aeroporto Asanta Maria	0,50	0,8	1998
<b>Total</b>		<b>6,05</b>	<b>13,0</b>	

Fontes: INFRAERO, PDITS e BNB

(\*) Os recursos do PRODETUR I foram voltados para a ampliação do pátio de aeronaves, finalizado em 2001. Com a inauguração do novo TPS em 2004, realizado a partir de outras fontes de financiamento, a capacidade do aeroporto aumentou para 5.000.000 passageiros/ano.

**Tabela 4**  
**Fluxo Turístico Mensal do Nordeste: 1996-2004**

Meses	Fluxo Total (1000)				Var (%)
	1996	(%)	2004	(%)	
Jan	524	10,4	1.187	11,2	126,5
Fev	418	8,3	774	7,3	85,0
Mar	403	8,0	805	7,6	99,8
Abr	363	7,2	774	7,3	113,3
Mai	343	6,8	752	7,1	119,6
Jun	358	7,1	763	7,2	113,3
Jul	484	9,6	985	9,3	103,8
Ago	398	7,9	890	8,4	123,7
Set	403	8,0	848	8,0	110,4
Out	423	8,4	964	9,1	127,9
Nov	468	9,3	932	8,8	99,1
Dez	453	9,0	922	8,7	103,4
<b>Anual</b>	<b>5.037</b>	<b>100,0</b>	<b>10.596</b>	<b>100,0</b>	<b>110,4</b>

Fonte: GTP/CTI-NE , Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS.

**Tabela 5**  
**Evolução dos Desembarques de Passageiros nas Capitais do Nordeste: 1996-2004**

Meses	Salvador		Fortaleza		Natal		Recife		São Luís		João Pessoa		Maceió		Aracaju		Teresina	
	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2000	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2004
Jan	90.887	170.412	74.942	283.322	37.413	56.076	83.681	121.353	14.956	18.865	9.203	12.680	29.199	35.117	12.230	14.650	8.499	8.661
Fev	79.242	171.209	46.921	176.793	24.872	41.348	63.810	108.143	12.697	16.836	6.852	8.203	19.911	25.031	7.702	10.559	6.189	7.285
Mar	59.087	145.499	42.488	178.399	22.337	40.038	67.256	101.566	11.680	16.784	5.950	8.455	18.737	23.605	8.248	12.460	6.130	8.867
Abr	60.923	148.377	38.398	170.482	17.560	39.101	53.295	110.071	11.083	18.004	5.075	7.209	14.904	23.860	7.852	11.216	6.008	8.569
Mai	54.660	151.115	35.920	160.187	15.438	35.031	53.437	118.618	12.371	20.629	5.657	7.746	13.243	23.563	8.141	12.204	7.020	9.180
Jun	55.832	150.280	42.698	185.302	17.917	36.350	61.843	122.454	14.139	23.639	6.732	9.667	13.432	22.825	9.101	12.215	7.452	10.258
Jul	75.959	190.986	65.254	291.782	26.943	54.565	78.657	135.456	16.685	26.929	7.244	10.934	20.321	30.425	10.917	15.035	9.312	12.372
Ago	64.176	162.259	44.874	192.354	17.167	47.680	65.178	118.489	13.870	23.372	5.787	8.759	14.999	24.123	9.273	12.674	6.886	11.115
Set	64.795	150.412	45.237	189.096	18.971	46.510	62.613	113.371	13.366	21.894	6.565	9.353	15.275	25.286	8.906	13.060	7.407	9.845
Out	76.333	171.032	49.123	215.281	20.686	49.061	70.652	123.854	13.628	21.427	6.402	9.239	15.339	28.570	10.094	13.859	7.103	9.626
Nov	73.562	156.621	44.460	192.894	20.650	46.926	69.373	118.844	12.634	22.363	6.928	8.800	13.305	27.327	8.703	12.905	7.014	10.686
Dez	88.361	181.019	64.238	275.199	29.284	61.948	76.110	140.826	15.930	24.201	9.297	13.351	20.180	33.385	10.553	15.088	9.258	14.579
<b>Anual</b>	<b>843.817</b>	<b>1.949.221</b>	<b>594.553</b>	<b>2.511.091</b>	<b>269.238</b>	<b>554.634</b>	<b>805.905</b>	<b>1.433.045</b>	<b>163.039</b>	<b>254.943</b>	<b>81.692</b>	<b>114.396</b>	<b>208.845</b>	<b>323.117</b>	<b>111.720</b>	<b>155.925</b>	<b>88.278</b>	<b>121.043</b>

Fonte: INFRAERO

**Tabela 6**  
**Taxas Médias Mensais de Ocupação Hoteleira das Capitais do Nordeste -1996-2004**

Meses	Salvador		Fortaleza		Natal		Recife		São Luís		João Pessoa		Maceió		Aracaju		Teresina		Nordeste	
	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2000	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2003	1996	2004
Jan	63,5	75,6	78,9	83,9	79,0	76,5	56,9	78,0	52,4	52,3	66,3	74,5	86,7	87,2	71,9	71,8	32,5	36,4	65,3	70,7
Fev	60,0	65,7	52,1	62,8	51,3	55,2	47,7	62,0	49,1	48,8	58,4	52,2	73,5	69,0	51,7	54,0	26,1	37,1	52,2	56,3
Mar	45,4	57,9	41,8	46,5	46,7	52,4	43,8	65,3	49,4	47,7	56,7	52,3	60,0	53,1	40,7	58,3	27,1	45,2	45,7	53,2
Abr	45,5	54,7	30,8	46,4	40,0	46,3	36,9	60,4	45,4	47,4	51,0	50,4	51,8	55,5	41,0	52,1	19,6	41,0	40,2	50,4
Mai	40,3	51,2	33,0	42,9	34,5	39,5	36,3	58,1	39,5	48,1	50,7	50,7	38,1	49,7	39,3	58,2	26,0	40,8	37,5	48,8
Jun	37,2	49,6	31,5	48,0	36,8	45,0	35,5	59,2	55,7	52,7	48,5	51,8	35,4	47,6	52,0	53,7	29,5	39,0	40,2	49,6
Jul	51,9	62,6	60,2	74,0	54,7	60,4	45,2	66,0	57,0	60,2	61,6	60,7	55,4	70,0	50,2	56,7	32,7	45,9	52,1	61,8
Ago	47,5	64,1	41,6	58,1	37,1	53,6	51,4	57,4	60,3	57,9	49,4	52,1	37,9	54,8	44,7	45,0	29,2	37,0	44,3	53,3
Set	48,8	62,9	42,2	52,8	42,9	56,9	50,9	55,9	54,0	56,9	56,6	57,8	41,9	60,1	44,0	46,8	31,8	33,2	45,9	53,7
Out	53,2	68,3	48,5	64,5	47,2	59,1	46,1	63,8	58,5	56,9	50,5	57,7	35,9	65,5	45,8	48,9	22,8	41,7	45,4	58,5
Nov	55,0	72,3	45,4	63,4	50,6	58,7	53,4	62,3	56,2	58,4	56,1	55,6	41,9	67,9	43,3	50,6	29,0	35,0	47,9	58,2
Dez	46,8	60,7	59,7	67,8	54,2	68,5	43,9	55,6	49,5	51,2	53,5	60,0	47,1	66,0	44,2	48,3	27,3	39,3	47,4	57,5
<b>Anual</b>	<b>49,6</b>	<b>66,4</b>	<b>47,1</b>	<b>59,3</b>	<b>47,9</b>	<b>56,1</b>	<b>45,5</b>	<b>62,0</b>	<b>52,3</b>	<b>53,2</b>	<b>54,9</b>	<b>56,3</b>	<b>50,5</b>	<b>62,2</b>	<b>47,4</b>	<b>53,7</b>	<b>27,8</b>	<b>39,3</b>	<b>47,0</b>	<b>56,0</b>
<b>Desvio Padrão</b>	<b>7,6</b>	<b>7,9</b>	<b>14,0</b>	<b>12,5</b>	<b>12,0</b>	<b>10,1</b>	<b>6,9</b>	<b>6,1</b>	<b>6,0</b>	<b>4,7</b>	<b>5,4</b>	<b>6,8</b>	<b>16,1</b>	<b>11,1</b>	<b>8,8</b>	<b>7,2</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>	<b>7,3</b>	<b>6,1</b>

Fonte: CTI-NE e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS.

Obs: Para São Luis (MA) a taxa de ocupação refere-se ao ano de 2000 e para Teresina (PI) a taxa de ocupação refere-se ao ano de 2003.

**Tabela 7**  
**Taxas Médias Anuais de Ocupação Hoteleira nas Capitais do Nordeste – 1996/04**

Anos	Capitais do Nordeste									NE
	Salvador	Fortaleza	Natal	Recife	São Luis	J.Pessoa	Maceió	Teresina	Aracaju	
1996	49,6	47,1	47,9	45,5	52,3	54,9	50,5	34,2	47,4	47,7
1997	50,2	51,3	48,4	55,0	54,5	56,0	45,4	35,0	55,7	50,2
1998	51,9	59,4	51,3	57,7	53,9	57,0	56,5	37,2	53,4	53,1
1999	59,6	57,5	51,0	61,1	52,1	52,2	64,7	35,5	46,6	53,4
2000	65,6	58,7	52,6	64,2	53,2	56,7	69,2	39,7	50,2	56,7
2001	61,9	57,7	49,5	65,2	48,4	55,0	68,5	44,0	54,4	56,1
2002	54,4	52,0	46,6	64,5	46,5	56,7	57,0	38,7	53,3	52,2
2003	62,3	51,6	49,1	62,6	49,0	51,5	54,3	37,1	55,8	52,6
2004	66,4	59,3	56,1	62,0	51,5	56,3	62,2	39,9	53,7	56,4

Fonte: GTP/CTI-NE , Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste e PDITS.

**Tabela 8**  
**Evolução do Fluxo Turístico e Oferta Hoteleira nas Capitais do Nordeste: 1996-2004**

Capitais	Fluxo (1.000)		Uhs		Permanência		Taxa Ocupação	
	1996	2004	1996	2004	1996	2004	1996	2004
. Aracaju (SE)	185	452	2.329	3.579	2,8	...	47,4	53,7
. Fortaleza (CE)	773	1.784	5.945	10.251	5,0	4,5	47,1	59,3
. João Pessoa (PB)	400	668	2.259	2.367	2,7	2,7	54,9	56,3
. Maceió (AL)	275	952	1.558	5.325	4,0	3,7	50,5	62,2
. Natal (AL)	471	1.202	4.894	7.653	3,0	3,5	47,9	56,1
. Recife (PE)	864	2.009	3.806	5.214	3,9	3,5	45,5	62,0
. São Luís (MA)	355	844	774	946	3,5	3,6	52,3	53,2
. Salvador (PB)	1.633	2.412	8.427	10.841	3,5	...	49,6	66,4
. Teresina (PI)	81	272	950	1.510	3,5	...	27,8	39,3
<b>Nordeste</b>	<b>5.037</b>	<b>10.595</b>	<b>30.942</b>	<b>47.686</b>	<b>3,5</b>	<b>3,6</b>	<b>47,0</b>	<b>56,5</b>

Fonte: INFRAERO e SETUR/CE

Obs: As taxas de ocupação de São Luis (MA) refere-se ao ano 2000 e Teresina (PI) ao ano de 2003.

**Tabela 9**  
**Fluxo Global e Receita Gerada pelo Turismo no Nordeste 1996**

Estados	Fluxo Turístico (1000)		Receita Turística (R\$)		Participação (%)		Renda Gerada Pib (R\$ milhões)	
	Capital	Estado	Percapita	Estado (Milhões)	Fluxo Estado	Receita Estado	Estado	% Pib
Aracaju/SE	185	320	331,25	106	4,1	3,9	18.304	425,3
Fortaleza/CE	773	989	609,71	603	12,6	22,3	26.978	172,5
João Pessoa/PB	400	560	219,64	123	7,1	4,6	13.496	206,1
Maceió/AL	275	495	292,93	145	6,3	5,4	16.337	322,1
Natal/RN	471	563	397,87	224	7,2	8,3	16.507	280,9
Recife/PE	864	1.330	359,40	478	16,9	17,7	18.009	84,2
São Luís/MA	355	605	216,53	131	7,7	4,8	14.813	215,5
Salvador/BA	1.633	2.880	296,53	854	36,7	31,6	18.495	56,1
Teresina/PI	81	108	351,85	38	1,4	1,4	14.813	379,6
<b>Total</b>	<b>5.037</b>	<b>7.850</b>	<b>344,20</b>	<b>2.702</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>5.047</b>	<b>4,9</b>

Fonte: GTP/CTI-NE e Órgãos Oficiais de Turismo dos Estados.

**Tabela 10**  
**Fluxo Global e Receita Gerada pelo Turismo no Nordeste - 2004**

Estados	Fluxo Turístico (1000)		Receita Turística (R\$)		Participação (%)		Renda Gerada PIB (R\$ milhões)	
	Capital	Estado	Percapita	Estado (Milhões)	Fluxo Estado	Receita Estado	Estado	% Pib
. Aracajuú/SE	452	783	709,69	556	4,4	4,3	1.000,8	7,9
. Fortaleza/CE	1.784	2.806	997,11	2.798	15,8	21,8	5.036,4	15,9
. João Pessoa/PB	668	949	709,69	673	5,3	5,3	1.211,4	7,7
. Maceió/AL	952	1.428	726,04	1.037	8,0	8,1	1.866,6	15,8
. Natal/RN	1.202	1.783	769,62	1.515	10,0	11,8	2.727,0	17,5
. Recife/PE	2.009	3.352	718,02	2.407	18,9	18,8	4.332,6	9,1
. São Luís/MA	844	1.013	709,69	719	5,7	5,6	1.294,2	8,2
. Salvador/BA	2.412	5.180	737,30	2.955	29,1	23,1	5.319,0	6,5
. Teresina/PI	272	484	310,07	150	2,7	1,2	270,0	3,2
<b>Total</b>	<b>10.595</b>	<b>17.778</b>	<b>678,10</b>	<b>12.810</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>23.058</b>	<b>10,6</b>

Fonte: GTP/CTI-NE e Órgãos Oficiais de Turismo dos Estados

Obs: Gastos percapita com base na média dos municípios (Fortaleza, Teresina, Natal, Recife, Maceió e Salvador)

**Tabela 11**  
**Produto Interno Bruto do Estado do Nordeste do Brasil (R\$ milhões): 1996/2004**

<b>Estados NE</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
<b>Região Nordeste</b>	<b>102.597</b>	<b>113.941</b>	<b>119.320</b>	<b>127.672</b>	<b>144.136</b>	<b>157.302</b>	<b>181.933</b>	<b>213.550</b>	<b>240.582</b>
. Maranhão	6.873	7.410	7.224	7.918	9.207	10.293	11.420	13.736	15.700
. Piauí	3.902	4.225	4.413	4.734	5.330	5.575	6.166	7.333	8.341
. Ceará	15.641	17.589	18.836	19.511	20.800	21.581	24.204	27.841	31.639
. Rio Grande Norte	5.876	6.669	6.844	7.648	9.293	9.834	11.633	13.736	15.549
. Paraíba	6.549	6.989	7.262	7.937	9.238	10.272	11.634	13.839	15.742
. Pernambuco	21.391	23.439	24.810	26.021	29.127	31.725	36.510	42.207	47.688
. Alagoas	5.072	5.756	6.141	6.429	7.023	7.569	8.767	10.388	11.816
. Sergipe	4.304	4.843	5.031	5.434	5.921	8.204	9.496	11.179	12.654
. Bahia	32.990	37.021	38.759	42.040	48.197	52.249	62.103	73.290	81.452
<b>Brasil</b>	<b>778.886</b>	<b>870.743</b>	<b>914.187</b>	<b>973.845</b>	<b>1.101.255</b>	<b>1.198.736</b>	<b>1.346.028</b>	<b>1.556.182</b>	<b>1.766.621</b>

Fonte: IBGE e Órgãos Oficiais de Estatísticas dos Estados do Nordeste

(\*) Estimativas preliminares com base em consulta aos Órgãos Oficiais de Estatísticas dos Estados do Nordeste.

**Tabela 12**  
**Participação do Nordeste e Taxas de crescimento do PIB do Brasil (%)**

<b>Anos</b>	<b>Taxas reais de crescimento do PIB do Brasil (%)</b>	<b>Participação do Nordeste no PIB do Brasil (%)</b>
1996	2,66	13,17
1997	3,27	13,08
1998	0,13	13,05
1999	0,79	13,11
2000	4,36	13,08
2001	1,31	13,12
2002	1,93	13,51
2003	0,54	13,73
2004	4,94	13,62
<b>Média</b>	<b>2,21</b>	<b>13,27</b>

Fontes: IBGE e Banco Central do Brasil

# APÊNDICE

# SÍNTESE DA METODOLOGIA DE MENSURAÇÃO DOS AGREGADOS TURÍSTICOS PELA GTP/CTI-NE

Os agregados turísticos do Nordeste são mensurados segundo conceitos e metodologia referenciados pela Organização Mundial de Turismo (OMT), em consonância com a classificação de atividades e de produtos adotados nas Contas Satélites do Turismo (CST) da Organização das Nações Unidas (ONU).

## I. Pesquisas e Instrumentos de Coleta

No caso específico do Nordeste, os agregados turísticos são mensurados a partir das seguintes pesquisas diretas:

- a) **Demanda Turística via Fortaleza** – são realizadas quatro pesquisas durante o ano (janeiro, maio, julho, novembro) em todas as capitais dos estados do Nordeste, visando investigar o perfil, gastos e satisfação do turista e demais características do fluxo turístico ou demanda por turismo. Em cada época, também é realizada uma pesquisa amostral do fluxo turístico emissivo. As pesquisas são realizadas nos portões de saída de cada destino (aeroporto, rodoviária e rodovias),
- b) **Monitoramento da rede hoteleira** – através de um sistema de amostragem são monitorados diariamente por telefone e pelo preenchimento do Boletim de Ocupação Hoteleira (BOH), os indicadores da rede hoteleira do Nordeste (capitais e outros pólos turísticos), objetivando a mensuração da taxa de ocupação, permanência média, relação hóspede por Uh (apartamento) e a demanda hoteleira. Através das Fichas Nacionais de Registros de Hóspedes (FNRH) são determinados os perfis da demanda (hóspedes), os mercados emissores, as motivações e outras características da demanda hoteleira.
- c) **Ficha Nacional de Registro de Hóspedes - FNRH**  
São fichas preenchidas na recepção do hotel pelo próprio hóspede, que visita os destinos turísticos. Nestas fichas estão contidas todas as informações pessoais do hóspede, ou seja, nome, endereço, nacionalidade, idade, profissão, procedência, residência permanente, última procedência, próximo destino, motivo da viagem, meio de transporte, dentre outras informações. Estas fichas são confeccionadas em blocos com três vias. A primeira via é enviada ao Órgão Oficial de Turismo, a segunda via à Secretaria de Segurança Pública e a terceira via ficam no hotel. As FNRH são contadas por estabelecimentos segundo a origem dos

hóspedes (nacionais e internacionais) e o processamento é feito por amostragem.

**d) Boletim de Ocupação Hoteleira - BOH**

É um informativo elaborado pelos meios de hospedagem, sob orientação do Órgão Oficial de Turismo, e enviado mensalmente ao Órgão Oficial de Turismo do Estado para o conhecimento de dados estatísticos, ou seja, oferta diária de leitos, unidades habitacionais disponíveis e ocupadas, taxa de ocupação, permanência (dias/pessoa), número de hóspedes, pernoites e fluxo de hóspedes no período. Os dados contidos no BOH são de grande importância para estimar os parâmetros para determinação da demanda hoteleira.

## **II. Demanda Hoteleira**

Para o cálculo da demanda hoteleira, utilizam-se os seguintes procedimentos:

- a) Coleta e digitação dos Boletins de Ocupação Hoteleira (BOH), junto aos hotéis da rede hoteleira de Fortaleza;
- b) Monitoramento diário e sistemático, via telefone, da taxa de ocupação e permanência média de turistas nos demais meios de hospedagem da rede hoteleira (hotéis, pousadas, albergues e flats), com base em amostras a partir do cadastro da rede hoteleira; e
- c) Estimativa da demanda hoteleira, com base nos resultados dos BOHs e para os demais casos, é feita pela relação:  $DH = ((Uhs * To * NxR) / P) / 100$ .

Onde:

- DT = Demanda turística (fluxo)
- DH = Demanda Hoteleira
- Ph = Participação dos segmentos da rede hoteleira na distribuição dos meios de hospedagem utilizado pelos turistas
- Uhs = Total de Uhs (apartamentos) disponível
- To = Taxa de Ocupação com base na relação entre Uhs ocupados e Uhs disponíveis
- N = Total de dias no período mensurado
- R = Relação média de hóspedes por Uhs ocupados
- P = Permanência média na rede hoteleira

A determinação da demanda hoteleira é imprescindível para o cálculo da demanda turística e, conseqüentemente, de outros agregados.

### III. Métodos e Técnicas de Mensuração dos Agregados Turísticos

#### 1. Fórmulas

2.

##### a) Cálculo da Demanda Hoteleira

$$DH = \frac{C.D.T.R}{P_m} / 100$$

##### b) Cálculo da Demanda Turística ( DT)

$$DT = \frac{DH}{P_h} * 100$$

##### c) Cálculo do Fluxo Total (FT)

$$FT = \frac{DT}{P_t} * 100$$

##### d) Cálculo da Receita Turística (RT)

$$RT = GP * FT$$

Obs: Quando o fluxo de visitantes (day tour) é irrelevante FT=DT

##### e) Cálculo da Renda Gerada (RG)

$$RG = k * RT$$

##### f) Impacto sobre o PIB

$$I = \frac{RG}{PIB} * 100$$

DH	=	Demanda hoteleira;
C	=	Capacidade hoteleira em Uhs (apartamentos ou quartos);
D	=	Número de dias (no mês ou no ano);
T	=	Taxa de ocupação média;
R	=	Relação Hóspede/UHs;
Pm	=	Permanência média;
DT	=	Demanda turística;
Ph	=	Participação da rede hoteleira nos meios de hospedagem;
FT	=	Fluxo total (visitantes + DT);
PT	=	Participação da demanda turística no fluxo total;
RT	=	Receita turística;
GP	=	Gasto percapita do turista;
k	=	Multiplicador dos gastos turísticos
RG	=	Renda Gerada;
PIB	=	Produto interno bruto;
I	=	Impacto sobre o PIB

## 2. Demanda Turística dos Estados (Nordeste)

A estimativa da demanda por turismo para os estados é processada pela expansão da demanda turística de cada capital, cujo coeficiente é avaliado e determinado por cada estado, sendo o valor médio obtido por agregação dos dados estaduais, atualmente estimado em 1,7.

## IV. Metodologia da Pesquisa de Demanda Turística via Fortaleza

### 1. Objetivo da Pesquisa

Geração de um conjunto de informações primárias, visando quantificar e qualificar a demanda turística, bem como mensurar os gastos e estimar a receita turística e o impacto sobre o PIB.

### 2. Aspectos Conceituais

- a) Conceito de turista adotado: É toda pessoa que se desloca do entorno do local de sua residência permanente para outro e que permanece pelo menos 24 horas (pernoite) e um máximo de 365 dias, sem exercer nenhuma atividade remunerada na localidade receptora, tendo como finalidade o lazer, negócios, visita a parentes e amigos, compras, eventos e outros.
- b) Método e instrumento de coleta: Realizado através de questionários, elaborados em português e inglês, aplicados juntos aos turistas que deixam ou saem do destino turístico.
- c) Unidade amostral: É constituída pelo turista que mora fora do destino visitado.
- d) Periodicidade: As pesquisas são realizadas em janeiro, maio, julho e novembro (dois meses de alta estação e dois de baixa).
- e) Locais de coleta de dados: Os locais para a realização das entrevistas são os portões de saída de cada destino (aeroporto, rodoviária, BRs e rodovias estaduais).
- f) Determinação da amostra: O método de amostragem utilizado é o das proporções com base na fórmula a seguir.

$$n = \frac{t^2 pq / d^2}{1 + 1/N ((t^2 pq / d^2) - 1)}$$

n – Tamanho da amostra;  
d – Erro Amostral das Estimativas: 5,0 %;  
t – 1,96 (Nível de Confiança de 95%);  
p – 50% (Proporção);  
q – (1-p);  
N – Tamanho da População.

A amostra é dimensionada para cada destino turístico (capitais) considerando fluxo mensal que varia entre 30.000 e 300.000 turistas.

g) Variável de Controle da Pesquisa: A variável de controle é estabelecida através da taxa de ocupação e do número de hóspedes na rede hoteleira das capitais do Nordeste.

### **3. Variáveis Relevantes Pesquisadas**

As variáveis pesquisadas são: residência permanente, sexo, faixa etária, nível de escolaridade, situação econômica e ocupação principal, frequência da visita, tempo de permanência, origem, destino, forma de viajar, forma de organização da viagem, meio de transporte, meios de hospedagem, gastos, preços, renda, motivo da viagem, influência da visita, intenção de retorno, avaliação dos atrativos, dos equipamento e serviços turísticos e da infra-estrutura (veja questionário).



## PESQUISA DA DEMANDA TURÍSTICA SETUR/CE

QUESTIONÁRIO					
UF	NÚMERO				
C   E					

DATA					

1. QUAL O ESTADO E CIDADE ONDE O SR.(A) RESIDE ?  
(SE ESTRANGEIRO ANOTAR O PAÍS)

A. PAÍS  \_\_\_\_\_

B. ESTADO  \_\_\_\_\_

C. CIDADE  \_\_\_\_\_

1.1 SE ESTRANGEIRO:  
POR QUAL CIDADE O(A) SR.(A) CHEGOU AO BRASIL ?

\_\_\_\_\_

2.  SEXO 1 - MASCULINO 2 - FEMININO

3.  FAIXA ETÁRIA  
 1 - ABAIXO DE 18      2 - 18 À 25  
 3 - 26 À 35          4 - 36 À 50  
 5 - 51 À 65          6 - ACIMA DE 65

4.  ESTADO CIVIL  
 1 - SOLTEIRO          2 - CASADO  
 3 - VIÚVO            4 - SEPARADO  
 5 - OUTROS \_\_\_\_\_

5.  GRAU DE INSTRUÇÃO  
 1 - 1º GRAU            3- TÉCNICO  
 2 - 2º GRAU            4- SUPERIOR  
 5- OUTROS \_\_\_\_\_

6. QUAL A SUA OCUPAÇÃO PRINCIPAL ?

1. ( ) INDUSTRIAL      2.( ) INDUSTRIÁRIO  
 3. ( ) COMERCIANTE    4.( ) COMERCIÁRIO  
 5. ( ) BANQUEIRO      6.( ) BANCÁRIO  
 7. ( ) FUNC. PÚBLICO    8.( ) MILITAR  
 9. ( ) APOSENTADO/PENSIONISTA  
 10. ( ) DO LAR/DONA CASA    11. ( ) ESTUDANTE  
 12. ( ) PROF. LIBERAL \_\_\_\_\_  
 13. ( ) OUTRA \_\_\_\_\_

7.  ESTÁ VIAJANDO  
 1. Só                      2. COM AMIGOS  
 3. COM FAMÍLIA        4. EM EXCURSÃO

8.  SUA VIAGEM FOI ORGANIZADA POR AGÊNCIA ?  
 1 - SIM    2 - NÃO

9.  QUAL O TIPO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA CHEGAR A ESTA LOCALIDADE ?

1. ÔNIBUS  
 2. AUTOMÓVEL  
 3. AVIÃO  
 4. OUTROS \_\_\_\_\_

10.   QUAL O PRINCIPAL TIPO DE HOSPEDAGEM UTILIZADA NESTA LOCALIDADE?

1. HOTEL
2. APART-HOTEL
3. POUSADA
4. CASA/APTO. ALUGUEL
5. CASA PRÓPRIA
6. PENSÃO HOSPEDARIA
7. CASA PARENTE / AMIGO
8. CAMPING
9. ALBERGUE
- 10 - OUTROS \_\_\_\_\_

11. CASO TENHA SE HOSPEDADO NA REDE HOTELEIRA DE FORTALEZA, INDICAR O NOME DO ESTABELECIMENTO

NOME \_\_\_\_\_

12.   QUANTOS DIAS PERMANECIU NO CEARÁ ?

13. QUAL O VALOR TOTAL DOS GASTOS NO CEARÁ, EXCETO A PASSAGEM/PACOTE TURÍSTICO ? ( ) R\$ ou US\$

TOTAL : \_\_\_\_\_

13.1. SE VEIO ATRAVÉS DE PACOTE TURÍSTICO, QUAL VALOR PAGO?: ( ) R\$, US\$ ou EURO

VALOR : \_\_\_\_\_

14.   QUANTAS PESSOAS ESTÃO INCLUIDAS NESTES GASTOS, INCLUSIVE O SR.(A) ?

15. DISCRIMINE OS GASTOS EFETUADOS NOS ITENS A SEGUIR: OBS: EM: ( ) R\$ ou ( ) US\$ ou ( )%

HOSPEDAGEM \_\_\_\_\_  
 ALIMENTAÇÃO \_\_\_\_\_  
 TRANSPORTE \_\_\_\_\_  
 COMPRAS \_\_\_\_\_  
 DIVERSÕES/PASSEIOS \_\_\_\_\_  
 OUTROS \_\_\_\_\_

16. QUAL SUA RENDA MENSAL INDIVIDUAL ?

EM ( ) R\$ ( ) US\$ ou ( ) EURO

17. ONDE O(A) SR(A) NASCEU ?  
(SE ESTRANGEIRO ANOTAR SOMENTE O PAÍS)

A. PAÍS  \_\_\_\_\_

B. ESTADO  \_\_\_\_\_



49. QUAIS AS LOCALIDADES VISITADAS PELO(A) SR(A) ?

COD	COD1	LOCALIDADES/MUNICÍPIOS	PERMANÊNCIA Nº DE DIAS

50. ( ) O(A) SR.(A) GOSTARIA DE TER CONHECIDO OUTRAS LOCALIDADES, ALÉM DE FORTALEZA ?

1 - SIM 2 - NÃO

51.  POR QUE NÃO O FEZ ?

- 1 - FALTA DE TEMPO      2 - FALTA DE INFORMAÇÃO  
3 - FALTA DE DINHEIRO      4 - OUTRA OPORTUNIDADE  
5 - OUTRO MOTIVO \_\_\_\_\_

52.  O(A) SR.(A) OBTVE INFORMAÇÕES NOS POSTOS DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS DA SECRETARIA ?

1 - SIM  
2 - NÃO! PORQUE ? \_\_\_\_\_

53.  COMO O SR.(A) AVALIA OS PREÇOS PAGOS NO CEARÁ ?

- 1 - BAIXOS      2 - RAZOÁVEIS  
3 - ELEVADOS      4 - EXORBITANTES

54. O(A) SR.(A) JULGA ADEQUADAS AS INFORMAÇÕES FORNECIDAS AOS TURISTAS ?

1 - SIM      2 - NÃO

55) CITE OS PRODUTOS/MERCADORIAS ADQUIRIDOS NO CEARÁ:

PRODUTOS	LOCAL(IS)
1. ARTESANATOS/SOUVENIR	
2. BEBIDAS	
3. BIJUTERIAS	
4. BOLSAS	
5. CALÇADOS	
6. CASTANHAS	
7. CINTOS	
8. CONFECÇÕES/ROUPAS	

PRODUTOS	LOCAL(IS)
9. DOCES	
10. ELETRODOMÉSTICOS	
11. MEDICAMENTOS	
12. ÓCULOS	
13. TAPETES	
18.	
19.	
20.	

56) VALOR TOTAL DOS GASTOS COM A AQUISIÇÃO DE PRODUTOS: R\$ \_\_\_\_\_ /Us\$ \_\_\_\_\_ OU EURO \_\_\_\_\_

57) NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM OS PRODUTOS AQUIRIDOS:

- ( ) 1. CORRESPONDEU PLENAMENTE  
( ) 2. CORRESPONDEU EM PARTE  
( ) 3. NÃO CORRESPONDEU/DECEPCIONOU

58) NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM O ATENDIMENTO:

- ( ) 1. ÓTIMO      ( ) 2. BOM  
( ) 3. REGULAR      ( ) 4. RUIM      ( ) 5. PÉSSIMO

OBS.:

LOCAL	_____	HORA	_____
ENTREVISTADOR	_____	SUPERVISOR	_____



Endereço: Rua Vilebaldo Aguiar, 2200 – Apto. 103 – Papicu – CEP. 60.190-780  
Fone: (85) 3249-2109 – Celular: 9972.9684 / 9134.9571 – E-mail: [agostinhoteles@yahoo.com.br](mailto:agostinhoteles@yahoo.com.br)  
CRECI: 5453 15ª Região e CORECON 259 8ª Região